



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

DUQUE - ESTRADA



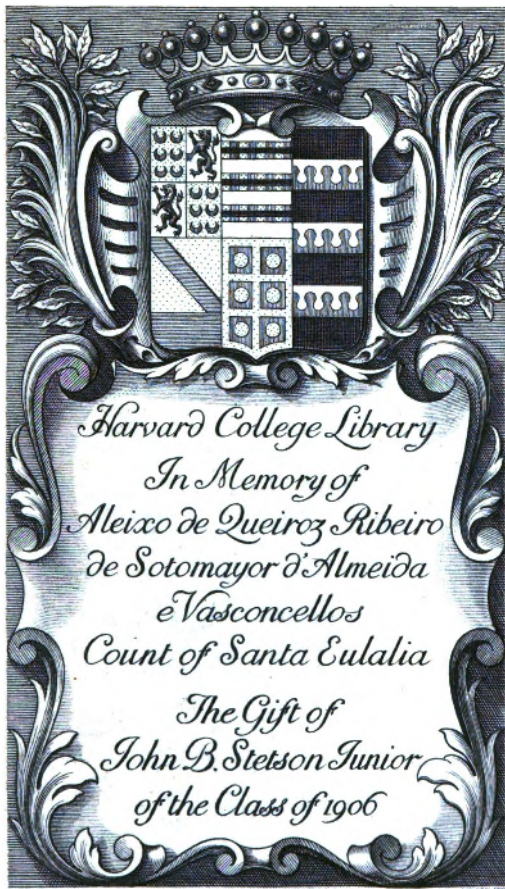
# Flora de Maio



H. GARNIER

RIO DE JANEIRO

9176.73.100



A. G. Stetson & Co.

Lib. 2014 1910





# FLORA DE MAIO

*Meis et amicis*









*Alfonso Dupue-Entrado*

OSORIO DUQUE-ESTRADA

---

# FLORA DE MAIO

VERSOS

---

Com um prefacio de Alberto de Oliveira

---

1899-1901

---

RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DE OUVIDOR, 71

---

1902

SAL 9176.73.100

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COURT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Apr. 6, 1923

## PREFACIO

---

O auctor desta *Flora de Maio* se não me dispensou das palavras de introduccão que ponho ao seu livro, foi, estou certo, não por precisar vir pela mão de um paranympho — e para tal fallece competencia ao subscriptor destas linhas — mas por mais uma vez testificar-me a boa amizade e consideração com que me distingue.

Elle não é um estreante, não é esta a primeira florescencia de seu espirito. A primeira, como arvore nova e que se apressa em cobrir-se de flores, deu-a ha tres lustros ou mais, em verdes annos, mas nem por isso menos opulenta e viçosa.

Eram versos como nos agrãos da idade raramente se fazem, inspirados, correctos e que para logo tornaram conhecido o poeta.

Dos *Alveolos* — assim se chamavam os versos — livro de adolescente, metrificado entre os primeiros sonhos e as pausas da vida escolar, medeia até ao presente volume um espaço largo mas não de ocio para a musa de Osorio. No decurso desse tempo não se recolheu elle, como Achilles, á sua tenda;

deixando a um canto a lyra de ouro **gastar-se**, comida de oxydo nas cordas frouxas, enquanto outros cá fôra pelejavam a grande **peleja da Arte**, em torno aos muros da Ilion feita da **indifferença e frieza** de um publico avêssô á poesia, — Ilion de nova especie, mas, como a dos cantos **homericos**, petrea e pesadamente fechada.

Trouxera-lhe aquelle primeiro livro **louros sobre os quaes** pudera dormir :

— « Agarrando-me aos *Alveolos* do Osorio Duque — Estrada, escreveu Araripe Junior, descobri que nesse poeta juvenil o *dente do sizo* já é **Mathuzalem.** »

E Arthur Azevedo :

— « Ora, ahi está um poeta, ou não **ha ratos nas alfandegas** nem habitantes em Jupiter! »

E, ainda, Sylvio Romêro :

—« O microbio devorador da litteratura é a **banalidade.** A nossa mostra actualmente **hem claros signaes** dessa molestia...

O poeta dos *Alveolos* saberá evital-a ».

Outrem que não fosse por indole **verdadeiro poeta**, contentara-se com ouvir estas **vozes de louvor** e com haver estreado, firmando desde logo um nome invejavel.

Osorio, que é de antes quebrar que **torcer**, continuou, porem, em boa hora, de **festejar-nos o ouvido** com harmonias novas, e mais altas e **sorprehendedentes.**

Pouco importa passasse elle a ser **inspector de escolas**, bibliothecario e não sei que mais **no Estado do Rio.**

O funcionalismo publico não abafou, esterilizando-as, as aptidões do escriptor, e a prova ahi está nesta *Flora de Maio*, seu novo livro. Senti-lhe o perfume, aspirae-lhe a essencia fina e entonteceadora...

Si lhe perguntardes porque de Maio, e não de Março ou Dezembro, responder-vos-á, talvez, o poeta, justificando aquelle formoso titulo : que reside actualmente em Petropolis,

*« Valle de amenas doçuras,  
De rosas e mal-me-queres,  
Onde as estrellas mais puras  
Brilham no olhar das mulheres »*,

e lá as rosas mais bellas são as de Maio, e as rosas não só, mas os chrysanthemas doirados e os brancos, e uma ou outra orchidea de tardos botões desabrochados já ao cahir das primeiras geadas do inverno.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Rio — Outubro de 1901.



PRIMEIRA PARTE

---

**FLORA DE MAIO**

Aos meus amigos e confrades :

MARTINS JUNIOR ;

AFFONSO CELSO ;

LEONCIO CORRÊA ;

XAVIER DA SILVEIRA ;

JORGE PINTO ;

RAYMUNDO CORRÊA ;

ALVARO DE TEFFÉ ;

Lembrança dos nossos serões de Petropolis.





## SYMPHONIA

Chantez, chantez, ô mes chansons!

(RICHEPIN.)

Musa piedosa e austera,  
Volve agora a cantar!  
Concerta a voz e espera,  
Porque as aves e o sol e a primavera  
Já não devem tardar...

Vae longe a nevoa; Maio  
Passou; Junho apagou-se  
N'um languido desmaio,  
E Agosto accende o seu primeiro raio  
De luz suave e doce.

Bebe este ar perfumado  
Que se evola das flores!...  
Deixa o amor e o passado,  
Porque o aroma do campo e o sol dourado  
Curam todas as dôres.

Concerta a voz e espera,  
Que é tempo de cantar!  
Canta, Musa severa,  
Porque as aves e o sol e a primavera  
Já não podem tardar...

## AGONIA DE D. JUAN

(Ao Dr H. Velarde.)

Desfallece-me a face macilenta,  
E eu não sei que ancia louca, na partida,  
Como um grilhão, ainda me acorrenta  
A' masmorra miserrima da vida !

Nem uma só d'essas visões amadas  
Vem me assistir no derradeiro instante...  
Não mais pelo cahir das madrugadas  
Vibra a minha guitarra soluçante !

E antes que a estrella d'alva scintillando  
No azul desponte, limpida e sonora,  
Minh'alma, enfim, estes grilhões quebrando,  
Hade ascender para uma nova aurora...

Busco um clima melhor, de sol mais rubro ;  
Mas, mal curado das paixões do mundo,  
Novas formas phantasticas descubro  
D'aquelle azul boiando inda no fundo...

Inda a Via Lactea nos espaços francos  
Abre em lyrios de mádidas capellas,  
Tão doces, tão cheirosos e tão brancos  
Como seios de pallidas donzellas...

Mortal feliz, em cuja face leio  
A gloria de viver e amar : descança;  
O céu brilhante, o céu azul é o seio  
Em que palpita a ultima esperanza.

Penetra a fundo n'esta galeria  
De mulheres esplendidas e bellas  
Que têm nos labios a prisão do dia  
E nos olhos o fogo das estrellas...

Repara n'esta : a alma deixou-me em lucto,  
A fronte em brasa, o coração partido :  
Inda não houve, em toda a terra, fructo  
Mais perfumado e mais appetecido !

O farto collo, o seio astral, que a avara  
Roupa encobre, inda a fazem, resplendente,  
Rutilar atravez da renda clara  
Como uma estrella em nevoa transparente.

Mas antes, quando os astros habitavam  
Outros páramos de ouro mais distantes,  
Que vergeis os seus labios aromavam ?  
Seus olhos em que céos moravam d'antes ?

Bastam-lhe os olhos : n'esses, posto os veja  
Longe do céu, dois novos céos diviso ;  
São dois altares de uma mesma egreja,  
Duas portas de um mesmo paraizo...

E aquella... e esta outra aqui que, com certeza,  
Do amor as chammas te vertera n'alma...  
Em torneio de graça e de belleza  
A propria Venus lhe cedera a palma !

E as outras todas, lubricas, formosas,  
Feitas para a paixão, para os delirios,  
De mais aroma do que as proprias rosas,  
De mais alvura do que os proprios lyrios ;

Todas verteram sobre o meu caminho  
— Mudo e negro — o crepusculo de um beijo  
Que uma flor fez abrir em cada espinho  
E em cada flor a flor de outro desejo !

Por isso, ó tu mortal, que hoje te ufanas  
D'esse amor que te põe louco e desfeito :  
Não cuides que essas vis paixões mundanas  
Nã cantassem tambem dentro em meu peito !

Esse nevoa de sonho em que fluctúas,  
Essas glorias inuteis e mesquinhas  
Pouco me pesa que hoje sejam tuas  
Porque em tempo tambem já foram minhas !

Mas enquanto estes véos não se desatam,  
Uma idéa sinistra inda me aterra :  
E' que no azul os corações não batam  
Como o meu vae bater dentro da terra...

E tu, alma sem fé, que ainda resistes  
A' morte : o céu te aguarda e abre as fronteiras  
Como o pincaro azul dos Alpes tristes  
Onde a *edelweiss* floresce entre as geleiras !

## NO BOSQUE

(A *Eduardo Salamonde.*)

Escuro ainda. Somente  
Silencio e sombras... Agora  
Lá para as bandas do Oriente  
Vislumbro um raio da aurora...

E espero. Um brilho de opalas  
Treme no ar. Fresca e louçã,  
Num rubro fulgor de galas  
Hade chegar a manhã.

Uma aza rufla num galho  
Onde accorda um passarinho ;  
Cae uma gotta de arvalho...  
Ouve-se o trillo de um ninho...

Ensaia-se a partitura  
Da nova musica ; o sol  
Veste a rutila armadura  
Que hade brilhar no arrebol.

Sae um perfume ligeiro  
De cada moita orvalhada ;  
A' luz do clarão primeiro  
Lá vem surgindo a alvorada !

Já se ouvem perto cantando  
Os sabiás, e na luz  
Esvoaça, celere, o bando  
Das borboletas azues.

Por tudo a esplendida festa  
Em raios de ouro se accende ;  
Ao longe, toda a floresta  
Já brilha agora e rescende.

Nestes moitaes, que embriagam,  
E onde se souha tambem,  
As dôres todas se apagam  
E a vida chama-se um bem !

Vejo abrir-se, á luz serena,  
Do sol á primeira setta,  
Aqui, a branca açucena,  
Alli, a casta violeta...

E fico alegre e constricto  
Ante esse eterno esplendor ;  
A terra, o céu, o infinito  
Fallam de paz e de amor.

Tudo aqui me arrouba e encanta,  
Tudo me enleva e me acalma :  
Quando algum passaro canta,  
Cuido que canta em minh'alma.

Ao ver o espinho ciumento  
Guardar da flor o botão,  
Esqueço por um momento  
O mundo, esqueço a traição ;

E junto ao sol e ás boninas,  
Apago toda a tristeza,  
Lendo as estrophes divinas  
Do poema da natureza.

---



## BELLEZA MODERNA

(RICHEPIN)

(A *Olaro Bilac.*)

Certo, me apraz te ver núa completamente,  
Como, em Dezembro, o sol que funde a nevoa, e ardente  
E duro, fere o olhar com a dura claridade...  
Lembras, então, não sei que estranha divindade  
Esplendida, torneando as linhas da figura  
N'um marmore de eterna e deslumbrante alvura,  
Mas ainda mais te admiro, ao ver, sobre os teus braços,  
Em concerto ideal de fitas e de laços,  
Brilhar, com um brilho novo e que inda mais captiva,  
A toilette que cinge a tua estatua viva !  
E o espartilho apertado onde os seios formosos  
Como dous garanhões empinam-se fogosos...  
E o teu braço, que sae da manga aberta e franca  
Onde a alva renda espuma em torno á carne branca...  
E o teu busto solemne entre setins fechado ;  
E o teu pé, que se arqueia e que brinca endiabrado  
Por baixo dos botões da bota reluzente...  
E a saia em longa cauda arrastada e fremente  
Como uma onda ideal de esplendido cabello,  
Que desce da anca larga ao fino tornozello...  
E dobrada, a sumir-se, a cinta airosa e leda

N'esse frú-frú macio e sonoro da seda ;  
E as joias, os anneis, os broches, o velludo,  
Tudo, em summa, o que inventa o teu capricho, tudo !  
Nada, porem, me embriaga e me extasia mais  
Do que ver-te no theatro, em toilettes reaes,  
Quando á ponta da luva o teu leque agitando,  
Como uma borboleta o deixas farfalhando ;  
Ou, com uns ares de deusa e um sorriso de fada,  
O peito arqueando, a coma em ondas derramada,  
Mostras, fazendo inveja aos lustres da ampla sala,  
Diamantes cujo brilho os olhos apunhala...

---

## CHUVA ETERNA

(A Coelho Netto.)

Eterna chuva, que não cessa agora  
De cair ! Chuva eterna, que não cança,  
E que no campo e pelo valle afóra  
Flores destouca e em terra os fructos lança !

Esvoaça o temporal ; galopa, avança  
Atravez da hybernal neblina, e ora  
Flebil, ora a bramir, na verde frança,  
Como um lobo na treva, ulúla e chóra...

« Será possível que estes tormentosos  
Uivos, que a carne ferem todo o dia,  
Tornem já tantos dias tenebrosos ? »

E olho o céu... mas na densa ramaria  
Ouço as bâtegas da agua, e os lamentosos  
Guays do vento que zune e que assobia...

---

## DOLOR SUPREMUS

Et l'absence de ce qu'on aime  
Quelque peu qu'elle dure a toujours trop duré

(MOLIÈRE.)

(A Alfredo de Oliveira.)

Aos corações que vivem na amargura,  
Ouvi dizer mais de uma vez : « O amor  
E' das noites a noite mais escura,  
Das dôres todas a suprema dôr... »

E eu, a alheia miseria contemplando,  
A mim mesmo, sorrindo, perguntava :  
« Quando o acharás também, minh' alma ? Quando  
Do seu poder has de cahir escrava ? »

E sorria e cantava. A gloria accesa  
Via das rimas no immortal thezouro ;  
E o mar e o céu e toda a natureza  
Punha cantando nas estrophes de ouro...

Mas quando nem temia, certamente,  
Que pudesse ser presa d'esse mal,  
Feriu-me o peito, inesperadamente,  
A mesma dôr insolita e brutal.

Busquei na ausencia o balsamo do tedio,  
Allivio á magoa, lenitivo ao pranto ;  
E peor do que o mal foi o remedio  
Que eu não suppunha que amargasse tanto...

## SHAKESPEARE

(A Luiz Murat.)

Es' o Deus soberano — o espirito sagrado  
A cujo sopro, um dia, inesperadamente,  
Como á voz de Jeovah, creadora e potente,  
Cheio de nova luz, foi um mundo creado.

De mares, de volcões, de montanhas cortado,  
N'alma humana encravaste um novo continente  
Onde róla e soluça e geme eternamente  
O temporal da dôr que sopra do passado...

Sol de fogo a dourar os alcantis da gloria  
Dessa vida immortal que coroou na historia  
Da Illyada o cantor junto ao cantor do Inferno;

Outros hão de tombar ao vento e ás tempestades,  
Tu, porem, atravez do tempo e das edades,  
Ficarás como um Deus — impassivel e eterno !

---

## HISTORIA CURTA

(NO ALBUM DE UMA SENHORA)

Vossa Excellencia quer, talvez, minha Senhora,  
Que, no iriado crystal de uma estrophe sonora,  
Transpareça uma flor gentil de phantasia,  
D'essas que a musa audaz de um poeta, ás vezes, cria  
A brincar — mimo, enfim, que não requer paciencia  
Nem esforço ao fazer ; pois bem : Vossa Excellencia  
Manda, não pede ; mas temo que esta carcerula  
Vá por isso abrigar alguma falsa perola...  
Olhe : si alguém cuidar que a culpa cabe ao poeta  
Que uma joia vulgar expõe como selecta,  
E engana os que a vem ver, eu gritarei de chofre :  
— A culpa não é d'elle, é da dona do cofre !  
Dito isto, vou contar uma exquisita historia  
Que ora mesmo me vem de subito á memoria :  
Era uma vez... (não sei como é que principia  
A historia) Vamos ver si eu acerto : Era um dia  
Uma fada que tinha uma estrella na testa...  
Não, não hade ser isso : essa historia não presta.  
Vamos ver outra : Enfim ! Creio que achei : Uma alma  
Agonizando... um sonho a turvar sempre a calma  
Da infeliz... O ideal, de azas de ouro entreabertas,  
Voando ao longe, atravez de umas brumas incertas...  
. . . . .  
O' crúa decepção que sobre mim desaba :  
Quando a historia começa, a pagina se acaba!...  
E agora ? Não faz mal : ponha Vossa Excellencia  
Em vez de uns versos mais, mais uma reticencia...

## O ENTERRO

Dites à la vermine  
Qui vous mangera de baisers,  
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine  
De mes amours décomposés...

(BEAUDELAIRE.)

(A *Emilio de Menezes.*)

Chegas... Na torre, ao pé, sôa o toque das onze...  
E, logo, o immenso sino, abalado e plangente,  
Ergue no ar, em redor, a voz cava e de bronze,  
E dobra a badalar, desabaladamente...

Vão te lançar, enfim, á negra cova, aberta  
Junto de um valle, immerso em sombras silenciosas...  
Nesta fria mansão, desolada e deserta,  
Vaes descançar ao pé dos lyrios e das rosas...

E eu nem posso assistir a essa scena sombria  
Em que profanas mãos teu feretro pesado  
Hão de descer, em breve, á terra humida e fria  
Onde vaes tu dormir o somno do noivado...

Chegas... Na torre, ao pé, sôa o toque das onze...  
E ha nella e no meu peito um sino alto e plangente  
Que todo o ar, em redor, com a voz cava e de bronze,  
Abala, a badalar, desabaladamente...



## O ARROIO

(DIAZ MIRON)

(A Meudonça Cardoso.)

Nunca descanças : crystalino e puro,  
Doce, sereno e manso,  
Passas correndo sobre o leito duro...  
Eu tambem, como tu, corro e murmúro,  
Eu tambem, como tu, nunca descanço !

Eu caminho ao vae-vem das minhas dôres ;  
Tu prosegues veloz nos teus caminhos,  
E si vaes a brincar por entre flores,  
Eu me arrasto a gemer por entre espinhos !  
Tu passas como sombra, vagamente,  
    Em continua viagem ;  
Vaes ter ao mar em rabido escarcéo ;  
Baixas do céo em timida celagem  
E num raio de sol tornas ao céo !  
Eu onde vou ? Nem sei : vou arrastado,  
Com a fé perdida que a esperança trunca...  
— Sombra em meio do céo illuminado,  
Mas sem poder illuminar-se nunca !  
Teu fim é só passar... Eu, se te imito,  
Nem consigo viver ; por isso, choro,

E no inferno da dôr em que me agito,  
Vejo o meu leito, em sonhos que deploro,  
Dourar-se á luz que baixa do infinito.

No auge da febre ardente  
Sonho a meus pés um pedestal ; a gloria  
Dá me o seu brilho ; e eu sinto, sem que o conte,  
O calor dos applausos na memoria  
E a gelidez do tumulto na frente !  
E logo ao despertar dessa loucura,  
Desse tremendo e negro desvario,  
Ao enfrentar a realidade escura,  
Em vez de soluçar inda me rio !

Mas que importa ? No mûrmuro escarcéo  
Vaes susurrando sobre o teu alvéo  
Emquanto em mim um vendaval retumba...  
E's um echo do céu,  
Eu, um echo da tumba !

Si me parece que no teu arrulho  
De um anjo a voz mysteriosa canta,  
Tambem supponho que no meu orgulho  
A voz do genio as vezes se levanta.  
Das minhas illusões puras e bella,  
O ultimo echo morrerá na lyra ;  
Sou como tu especho que a tudo aspira !  
Atomo pensador que a tudo aspira !

Nascer, pensar, morrer ! O' impia sorte !  
Para que tanto afan, tanto tormento,  
Si, ao fim, no abysmo que vae ter á morte  
Se hade afundar o proprio pensamento ?

Nascer, pensar, morrer ! E na existencia  
A incerteza que mata e nunca muda !  
E nos labios cerrados da sciencia  
Uma palavra muda !

O' arroio que vaes em borborinho !  
Quizera, em teu caminho,  
Ser uma flor dos campos que tu sondas,  
Fulva areia em teu leito forasteiro,  
Sombra de um cysne, atravessar-te as ondas  
E na margem tremer como um salgueiro.

Ser a brisa que é tua, quem me déra !  
O echo da tua voz guardal-o todo ;  
E ser lodo tambem, porque quizera  
(Menos a alma que pensa) ser só lodo !

---

## UMA SURPRESA

Teve a morte de uma santa  
Tendo a vida de uma flôr

(TOBIAS BARRETTO.)

Era uma doce e garrula esperança  
A pequena Maria ;  
Mas, fazendo-se triste, a pobre creança  
Enfermou, certo dia...

Veu o doutor, e a rir para as Senhoras,  
Disse : « E' uma febre atôa...  
Ao voltar amanhã, por estas horas,  
Heide encontral-a bôa ».

No outro dia, bem cedo, elle voltava ;  
E na alcova, da porta,  
Viu que ardia uma véla e alguém chorava...  
Maria estava morta.

---

## CROQUIS

(A Alberto de Oliveira.)

O caso terás lido, com certeza,  
Da mulher de quem diz a historia rara  
Que, tomada de subita tristeza,  
Petrificada e extatica ficara...

Niobe era o seu nome, e tão formosa  
Tão seductora aos homens se mostrava,  
Que á mesma Via escura e dolorosa  
O coração de todos arrastava...

Mas um dia, — implacavel lei da sorte ! —  
Do seu perverso amante desprezada,  
Viu-se ferida pela mão da morte  
E em bruta e inerte pedra transformada...

A alma do poeta, triste e dolorida,  
— Arido campo onde uma flor não medra,  
Lembra aquella mulher, que assim ferida  
De extranha magoa, transformou-se em pedra.

---

## NO DIA DOS MORTOS

Lyrios-aqui... Vejamos : a morada  
Que sob estes cyprestes acha abrigo,  
Não é, por certo, a tenda illuminada  
Que tu sonhavas habitar commigo...

O' alma sem piedade maltratada :  
Porque, após expiar o teu castigo,  
Vieste, em leito de seda reclinada,  
Buscar a eterna paz d'este jazigo ?

No marmore gelado da saudade,  
Por mitigar a magoa que não finda,  
Ajoelho ; e enfim, olhando com piedade

A pedra que te guarda, ó joia linda,  
Venho aquecer, na sua frialdade,  
Meus ideaes... mais gélicos ainda!

---

## A NAYADE

(A PROPOSITO DO ACCIDENTE OCCORRIDO EM CASCAES, E EM QUE FOI PROTOGONISTA S. M. A RAINHA D. AMELIA, DE PORTUGAL.)

Si detrás de los espacios  
Hay ojos que están mirando  
El combate de la vida  
Ellos sigan vuestras pasos  
Y enaltescan vuestro nombre.

(J. DE D. PEZA.)

A lenda, que a Mãe d'Agoa, em raros versos, cita,  
Conta de uma princeza extranha e mysteriosa  
Que o fundo de um palacio, entre as ondas, habita,  
E aos incautos propina a morte tenebrosa.

Conta da seducção e do engano que mata,  
Mas não falla, siquer, naquelles versos de ouro,  
Da nayade gentil que ao pelago arrebatava  
A presa que se afunda em negro sorvedouro...

Senhora ! Alem de vivo e fervido respeito,  
Encheis tambem de amor os nossos corações :  
Si ao tempo dos heróes brilhasse o vosso feito,  
Teria um canto mais o poema de Camões !

## ABDIÇÃO

(RICHEPIN)

(A Eduardo Rudge.)

E's a minha Madona, és o meu Deus agora.  
Nada me fica mal si o ordenas tu, Senhora!

E' o teu corpo ideal, sem um relevo falso,  
A estrada que me leva á cruz e ao cadafalso.

Com um só requebro teu, tão cheio de mollezas,  
Conseguirás de mim as maiores baizezas.

A' minh' alma darei, si inda pedires mais,  
As sete seducções dos peccados mortaes.

Si desejares ver da orgia o vivo espelho,  
Vel-o-has resplandecer no meu coração vermelho!

De um heróe queres pôr o lucto, com barulho?  
Morro, de sceptro em punho, enchendo o teu orgulho!

Queres um mundo ter de beijos e caricias?  
Dou-te para dormir um leito de delicias...



Si a tua carne freme em ancias, libertino  
Serei mais que Petronio e mais do que Aretino.

Si por algum thezouro o teu desejo estúa,  
Sou capaz de ir roubar o sol e a propria lua.

Si queres que eu abjure a Arte que um Deus asyla,  
Nos misteres mais vis irei prostituil-a.

Si a ventura de uma outra a tua contradiz,  
Terei um máo olhar para vel-a infeliz!

Meu proprio coração, si a distração é boa,  
Podes quebral-o até, como uma cousa a tóa...

Si num cofre possuir desejas um thezouro,  
Tão avaro heide ser, que o encherei todo de ouro.

De crimes um *bouquet* aos teus seios divinos  
Dou, com a faca e o punhal dos feros assassinos.

Si ao meu melhor amigo ouvires um-talvez!  
Heide, traidor e vil, perdel-o de uma vez.

Si beber o meu sangue um dia te appetença,  
Sê logo a guilhotina e corta-me a cabeça!

## OS ESPECTROS

(A Heitor Mariz.)

Nos cemiterios, onde gemia  
Do vento o açoite,  
Espectros negros, em agonia,  
Vi, certa, noite...

Espectros tristes, n'um antro immundo  
Sem luz nem brilhos,  
Eram as almas dos que no mundo  
Deixaram filhos...

Espectros loucos na treva uivaram,  
— Sombras de cães ;  
Eram as almas dos que mataram  
As proprias mães...

Bailando, em gritos, espectros coxos,  
Nos cemiterios,  
Olhavam tristes, funereos mochos  
De olhos funereos...

Corujas, sombras que assim gemeram,  
Tão bem synonymas,  
Eram as almas dos que escreveram  
Cartas anonymas...

## BOCCA IDEAL

A sua bocca ideal  
E'um palacio com jardim;  
As portas são de coral,  
Os degrãos são de marfim.

(COMES LEAL.)

Naquella bocca appetecida  
— Fonte do amor, ninho do beijo, —  
Brilha uma flor rubra e cheirosa ;  
Amendo mais a luz e a vida,  
Andam as vespas do desejo  
Zumbindo em torno d'essa rosa.

No labio ideal, que da ambrosia  
Guarda o sabor, de nectar cheio,  
Veria um poeta a excelsa graça ;  
E Praxiteles acharia  
Molde melhor que o hellenio seio  
Para esculpir a sua taça.

---

## A HORACIO

(Ao D<sup>a</sup> F. Paula Castro.)

Velho amigo ! Ao provar, no campo, agora,  
Dos teus versos o favo delicioso,  
Vou, como tu nas bacchanaes outr'ora,  
Libando á taça um vinho capitoso...

Outros, da forma o brilho caprichoso  
Acham que a tua lyra faz sonora ;  
A mim ella entontece e enche de goso  
Quando de beijos e canções se enflora.

Certo, d'entre as bellezas que depara,  
Não tem menos valor a forma rara ;  
Mas de tudo o que mais me maravilha

E' da tua alma doce a alacridade  
E esse eterno frescar da mocidade  
Que em tua musa e nos teus versos brilha.

---

## O SABIA DA MATTA

(A H. Marinho.)

Ficava alli, entre arvores sombrias,  
A casa branca, o pouso perfumado  
Em que, felizes e sonhando, os dias  
Longos passamos de um feliz noivado.

Horas perdia, então, alegre e ouvindo  
Fremitos de azas, limpidas canções,  
E essa doçura que do azul cahindo  
Enche de paz e doura os corações...

Do nosso quarto, via, a poucos passos,  
As borboletas de irisadas côres,  
E a laranjeira que estendia os braços  
Já carregados de olorosas flores...

Quando ella vinha, perfumando a terra,  
Cantando e rindo nas manhãs de amor,  
Doudo tambem o sabiá da serra  
Cantava alli na laranjeira em flor.

A primavera clara e luxuriante  
Euchia de ouro e de alegria o mundo :  
Era em Setembro ; o sol cantava errante  
A aria de amor de um louro vagamundo...

Nos linhos frescos do cheiroso leito  
Punha as cadeias dos seus braços nús ;  
Quando, nervosa, me estreitava ao peito,  
Nos olhos langues se apagava a luz !

Hoje, que a noite pavorosa e escura  
Venceu, por fim, a tanta claridade,  
D'aquelles dias de ideal ventura  
Resta somente esta immortal saudade...

E agora, enfim, que ella baixou á terra  
E que a minh'alma enlouqueceu de dôr,  
Ainda existe o sabiá da serra,  
Mas já não canta no arvoredos em flor.

---

## ANTE UM CADAVER

(M. ACUNA)

*(Ao Dr. Ferreira de Campos.)*

Eis-te afinal na noite eterna e escura  
Onde o horizonte intermino da sciencia  
Fundo mysterio desvendar procura !

Aqui onde, por fim, a experiencia  
Vem proclamar as leis superiores  
A que sujeita está toda existencia...

Aqui onde derrama os seus fulgores  
Esse astro a cuja luz desaparece  
A distincção de escravos e senhores ;

Neste ambito onde a fabula emmudece  
E dos feitos á voz que se levanta  
Toda superstição desaparece ;

Aqui onde a sciencia só se adeanta  
A decifrar o magico problema  
Cujo enunciado triste nos espanta !

Ella enfim que a razão guarda por lemma,  
E agora busca em tua face fria  
Da verdade escutar a voz suprema !

Aqui estás, mas apoz a lucta impia  
Em que romper, ao cabo, conseguiste  
O carcere da dôr que te prendia !

Em teus olhos a luz se fez mais triste ;  
A machina vital repousa, e, forte,  
A cumprir o seu fado inda resiste.

Miseria só ! — dirão da tua sorte  
Os que pensam que o imperio desta vida  
Tem de acabar onde começa a morte,

E os que a tua missão crendo cumprida,  
Te olham de perto, e em ancia desolada,  
Vêm te trazer o adeus da despedida !

Mas a tua missão não 'stá acabada,  
Pois nem o nada é o ponto em que nascemos  
Nem o da morte pode ser o nada...

E' um circulo a vida, e mal fazemos  
Quando, ao querer medil-a, lhe assignamos  
O berço e a sepultura por extremos.

A mãe é só o modelo em que tomamos  
A simples forma, a forma passageira,  
Com que esta ingrata vida atravessamos ;

Mas não é com certeza ella a primeira  
Que o nosso ser reveste, nem tampouco  
Quando morra hade ser a derradeira.



Tu, sem alento já, num sonho louco,  
Da dura terra ao generoso seio  
Fônte da vida, hasde volver em pouco.

E alli á vida, na apparencia, alheio,  
O poder do verão e da agoa, ufano,  
Fecundará de germens o teu seio.

E, enfim, subindo num esforço insaño,  
Verás o vegetal no fundo abrigo  
Do seu laboratorio soberano.

Talvez para voltar mudado em trigo  
Ao triste lar em que uma triste esposa  
Chorando por um pão sonhe contigo !

Ao mesmo tempo o mundo, dessa lousa  
Verá subir, estupefacto e absorto,  
A larva convertida em mariposa

Que, nos ensaios do seu vôo, ao porto  
Irá levar dos teus gentis amores  
Os frios beijos do teu labio morto.

E, em meio desses transes interiores,  
Teu craneo cheio de uma nova vida  
Em vez de pensamentos, dará flores,

Em cujo calix brilhará perdida  
A lagrima talvez que a tua amada  
Deixou cahir na hora da partida.

A tumba é o fim da lugubre jornada  
Porque é na tumba que repousa morta  
A chamma em nosso espirito guardada.

Nessa mansão, enfim, em cuja porta  
Nosso alento se extingue, um outro alento  
A' existencia de novo nos transporta.

Alli a força cae, morre o talento,  
Findam-se os gosos, e não brilham mais  
A ardente fé e o vivo sentimento.

Morrem de todo os laços terrenaes  
E o grande e o sabio ao lado do idiota  
Nivelam-se por fim, tornam-se eguaes.

Mas alli onde o animo se esgota,  
Ha no fundo, em continuo transformismo,  
No ser já morto um novo ser que brota.

Força é que o forte e fecundante abysmo  
D'esse organismo antigo se soccorra  
Par d'elle tirar outro organismo.

Um nome á historia entrega essa masmorra,  
Sem ao menos cuidar, indifferente,  
De que esse nome se eternise ou morra.

Elle recolhe a massa tão sómente  
E mudando-lhe as formas, lento e lento,  
Quer apenas que viva eternamente.

Guarda a tumba o esqueleto num momento,  
E da vida a fatal e eterna historia  
Consiste nesse tragico alimento.

Mas ao fim da existencia transitoria  
De que tanto a nossa alma se soccorre,  
A materia immortal é como a gloria :  
Muda de formas, sim, mas nunca morré!

## JESUS NO HORTO

(A *Guimarães Passos*.)

« Volto ao paramo azul, torno aos climas serenos  
De onde me trouxe o ideal da gloria quando, um dia,  
Nos valles de Bethlem cantou a luz de Venus  
Como um psalmo de amor e de melancolia !...

Mas não sei porque a terra arde toda e resplende  
Quando sopra em minh'alma um turbilhão de dôres,  
E a saudade, Meu Deus ! como um sol que se accende,  
Esta varzea sombria enche toda de flores !

Negras imprecações soltam de quando em quando  
A brisa que farfalha e as sombras do arvoredó ;  
E eu, eu louco, infeliz que anda monologando,  
Perscruto este mysterio, indago este segredo...

Ella pisou tambem estas veigas serenas,  
E essa patria de amor que reviver não hade,  
Eu a diviso agora, eu a descubro apenas,  
Dentro do coração que chora de saudade ! »

. . . . .  
. . . . .

E elle sente, e elle vê num delirio de anceios,  
Num tormento febril de loucos pesadellos,  
— No Via Lactea que esplende, um palpar de seios...  
— No halito da noite, um olor de cabellos...

## PLANTA SEM NOEM

(RICHEPIN)

De flores — não sei de quantas —  
Conheço um valle opulento  
Onde cresce, entre outras plantas,  
A herva do esquecimento.

Propina uma doce calma  
A tal flor que assim se chama,  
E um somno profundo n'alma  
De quem a prova, derrama.

Si um lobo voraz suplanta  
Qualquer cordeiro ou novilho,  
A mãe, comendo essa planta,  
Esquece a morte do filho.

Eu, contra a voz carniceira  
Da lembrança alvoroçada  
Que agita a mính'alma inteira,  
Colhi a herva encantada...

De comel-a avidamente  
Não tive o menor receio :  
Fiquei apenas doente...  
O esquecimento não veio.

## SONHO DE COLOMBO

Palos resplende toda... A multidão delira  
E, em festa, acclama um Deus. Aves de bico rombo  
Talham do vasto Oceano a liquida saphyra...

Pandas vélas ao vento, ao convulso ribombo  
Do pelago que frene e que estruge iracundo,  
Calca o dorso do mar a frota de Colombo...

O heróe sonha ; o horizonte é mudo ; o céo, profundo...  
Abre-se a rota, enfim, para o pendão das quinas  
Que hade brilhar um dia ao sol do Novo Mundo.

E um paraiso em flor, entre verdes cortinas  
De esmeralda, irradia ao flavo sol ardente  
Com os seus campos ideaes sementeados de boninas...

Sonha Colombo. O olhar que mede avidamente  
O solitario mar, denuncia os desejos  
De dar aza á illusão, vida ao sonho esplendente.

Este se agita, enfim, e entre vivos lampejos,  
Estremece na luz o portico da America  
Como um collo de deusa enflorado de beijos.

Rasga-se o véo que cobre a região feérica :  
Avulta um mundo novo aos olhos do Universo  
E a história escreve mais uma pagina homérica.

Musa eterna do Amor ! Lyra de ouro onde, immerso  
Em doida melodia, ouço o tropel sonoro  
Das rimas : fulge agora, e dá fogo ao meu verso !

Que a patria cante n'elle, e siga, audaz meteoro,  
O circulo de luz que junta no horizonte  
A ata á cruz de Cabral a espada de Deodoro !

Canta o ninho de amor, fonte de aromas, fonte  
De inspiração, e o sol que enche de ouro o vallado  
E abre incendios no mar e na crypta do monte...

Abre o cofre ideal de aureas gemmas guardado  
N'estes paramos onde, entre as aves canoras,  
Tem a mulher no olhar um céu quente e estrellado.

Pede á musa de Anchieta o brilho das auroras  
E esse canto que sae, como de harpas afflictas,  
Do rutilo crystal das cascatas sonoras.

Ateia a chamma em que hoje abrasada palpita  
E diz : « Este calor que ora o seio me aquece,  
O' Patria, é um sonho bom de glorias infinitas ! »

E as gentes do porvir, que um sol novo entontece,  
Vendo-te o vulto audaz, como o da antiga Hellade,  
Em teu solo sagrado hão de colher a messe  
Dos fructos que só dão o amor e a liberdade !

## A UMA ARTISTA

(A R. Bernardelli.)

Não desejo beber a luz que brilha,  
Fresca e dourada, no arco do Levante,  
Nem contemplar de perto a maravilha  
Do paraizo que ideava o Dante ;

Novos céos estrellados, nova trilha  
Seguiria a tremer, louco e offegante,  
Todas as illusões dando em partilha  
Pela ilusão que affago n'este instante...

E veria brilhar, em luz fagueira,  
A Terra Promettida, a Terra Santa  
Que o sonho encheu de paz hospitaleira ;

— Patria ideal onde a poesia canta,  
E onde eu quizera ouvir, a vida inteira,  
Os rouxinões que guardas na garganta.

---

## VERSOS DE UM LOUCO

O mundo envelhece e rejuvenesce, e  
o homem anda sempre atraz de uma  
esperança...

SCHILLER.

(A Sylvio Roméro.)

A dôr fez do Universo o espectro de uma gehenna...  
E ha quem, feliz, applauda este lugubre drama,  
Quando a existencia tem sete linguas de chamma  
E é uma mortalha o luar, e o sol uma gangrena !

Poetas ! Só vós sabeis o mal que as dôres fazem...  
Poetas ! O vosso ideal não vae além da dôr,  
— Almas sem paz nem luz, que inda no seio trazem  
Este canto — a saudade, este perfume — o amor !

Poetas, que sem dar tento aos uivos da procella,  
Atravessais da vida o oceano tormentoso :  
Só em vossa alma canta o reflexo saudoso [estrella !  
De um sol, de um céu, de um mar, de um lago, de uma

Poetas, deixae a luz ; nautas, deixae o oceano.....  
Na luz, como no mar, negreja o mesmo véo :  
E é debalde que agora o triste olhar humano,  
Farto de lódo, aspira a desvendar o céu !



Tudo se estorce e ulula em um côro de blasphemias  
Que parece sahir do inferno de Alighieri :  
A aza que acaricia, ao mesmo tempo fere,  
A alma do astro e a do pó são duas almas gemeas...

Só na alma, — antro da treva e dos sonhos, que o mal  
Avassalou, creando a dôr para perdel-a, —  
Roça ainda a illusão a aza de ouro e coral...  
— N'um pantano tambem debruça-se uma estrella.

Porque é que o teu sorriso e o teu beijo me deste,  
O' Poesia, que dás aos teus filhos a gloria ?  
Porque me traz assim, nesta paz illusoria,  
A tunica de luz que a tua espadua veste ?

Faze brilhar de novo o primeiro arrebol :  
Tu, somente, és capaz desta metamorphose...  
Vamos : a noite é a vil chrysalida do sol,  
E as trevas podem ser a luz da apotheose !

E's a Musa do Amor. Ha, na tua garganta,  
O gemido que a pomba entre os moitaes arrulha,  
O aroma dos jardins, o ocio da sombra, a bulha  
Dos passaros, e a luz que em toda parte canta !

Não ha quem, como tu, saiba dar echo ao grito  
Que, fibra a fibra, estala um pobre coração ;  
Ao amor cêgo — dás o horizonte infinito...  
— Juntas á voz do corvo o soluço e a canção !

Plagio de uma mulher que eu conheci na terra,  
— Syrius, que, no ampio espaço, a cantar, resplandeces :  
Porque é que do teu ninho azulado não desces  
Para purificar o lôdo que a alma encerra ?

Mas, és lama também... ha no teu collo nú  
A lepra, e no teu brilho a irradiação da morte...  
— Homem, que sonhas mais ? Homem, que queres tu ?  
Qual é teu sol, qual é teu fim, qual é teu norte ?

Ha uma força que o alvor da luz ás trevas liga :  
— A ave canta no céu torvo e profundo ; chora  
O beijo ; e a alma de Job conserva a mesma aurora  
Dentro da chaga hedionda e podre que a mastiga!

O crepusculo já começa a se estender  
Pelo valle, onde a tarde aromosa boceja ;  
E, como um cirio ao sol, que em breve hade morrer,  
Uma estrella saudosa ao longe pallideja...

Nem ha tempo, talvez, de correr os caminhos,  
Cheios do olor que sae dos bosques e das mattas,  
Para ouvir o rumor queixoso das cascatas  
E o sonoro crystal da voz dos passarinhos...

Morre, com o sol, o dia... E, como a alva do luar,  
Que n'um louro festão de estrellas apparece,  
A magnolia, ao seu beijo, entra a desabotoar  
O seio... A tarde vae declinando... Anoi-tece...

## SCHOPENHAUER

(A Arthur Azevedo,)

Lendo-te, ó mestre a todos excelente,  
Presa fui de um abalo tão profundo  
Como si, por milagre, e de repente,  
Sob os meus pés se esboroasse o mundo...

Ao vel-o, assim, de perto e na agonia,  
Pude sondar então toda a verdade,  
E abandonei, como armas sem valia,  
A crença e a fé, o amor e a mocidade.

Ante a visão de um mundo tão pequeno  
Só hoje sei quando esta dôr maltrata,  
Porque a verdade é um perfido veneno  
Que enlouquece de todo... e que não mata !

---

## BILHETE

(A UMA CONDESSA)

Recebi, neste instante, a carta perfumada  
Em que a sua alva mão traçou, nervosa e afflicta,  
Largas phrases de effeito e uma longa tirada  
Que eu (confesso-lhe) achei devéras exquisita...

Diz que « ainda me adora e hade provar, em breve,  
Que me consagra o mesmo amor santo e profundo »...

Senhora ! Ha muito já, morreu quem tal escreve,  
E eu nunca five fé nas almas do outro mundo !

## O PYRILAMPO

(LA BARRA)

« Olha essa estrella que illumina o campo,  
E ora se apaga, ora fulgura... »  
— Disse a creança, ingenua creatura,  
Que em vez de estrella via um pyrilampo.

Muito não é que ella enganada fosse,  
Não é ; pois eu mesmo, mais tarde,  
Tomei por luz do céu serena e doce  
O pyrilampo que em teus olhos arde...

## SOMRAS RIVAES

(A Roberto Esmeragnolle.)

Este é o meu carcer negro... A luz esquiva  
Nem a minh'alma torna agora forra ;  
Antes crepita em chammas, e captiva,  
De vicios a novissima Gomorrha...

Duas sombras rivaes, que a sombra aviva,  
Vejo ao fundo espectral d'esta masmorra...  
Diz a primeira : — « Eu quero que elle viva ! »  
Diz a segunda : — « Eu quero que elle morra ! »

Qual das duas sentenças é nascida  
Do odio ? Qual do amor ? Qual a mais forte,  
Com mais dura ironia proferida ?

Não sei, porque por mal da minha sorte,  
Aquella que diz morte, quer a vida,  
E aquella que diz vida, quer a morte !

## OS CÉGOS

(IMITAÇÃO)

Pobres, que a noite vertida,  
Como agudo e acerbo espinho,  
Guardavam n'alma dorida,  
Junto á margem de um caminho  
Discreteavam da vida :

— « Si as auroras têm mil côres  
Não me é dado conhecê-las ;  
Nunca vi prados nem flores,  
Nem conheço os esplendores  
Do céu, do sol, das estrellas... »

— « Conheço todo o fulgor  
(Diz o outro) e esta é, não nego,  
A causa da minha dôr... »

Um de nascença era cego,  
O outro... era cego de amor...

---

## A PROCISSAO

(A Dario Freire.)

Via-se a vaga afficta e tumultuosa  
De immenso povo, que, em confusas massas,  
Percorria a cidade rumorosa  
Ruas enchendo e atopetando praças...

No andor dourado, entre custosas cassas,  
Vinha a Senhora... Esplendida e radiosa,  
Seguia-se dos anjos e das graças  
A longa fila de azas côr de rosa.

De ver-te me agitava um vago aneio,  
Quando, afinal, olhando da janella,  
Vi teu vulto surgir, de anjos no meio...

— « E' ella ! (eu disse) e o coração : — « E' ella ! »  
Tornou. E o peito arfou-me, inda mais cheio,  
Quando te vi... de palma e de capella !...

---



## A MORTA

Ceguei-me ao pé do leito, em prantos ; e ella,  
Como uma flor já pallida e esvahida,  
Volveu-me o olhar onde brilhava aquella  
Ancia que traz a dôr da despedida.

Busquei n'um beijo inda infiltrar-lhe a vida ;  
Mas o pallor cobriu-lhe a face bella,  
E a fronte, emfim, dobrou desfallecida,  
Como um languido lyrio de capella...

Desde então paira a sombra desse leito  
Na minh'alma, onde a noite eterna esconde  
Meu louco ideal num tumulo desfeito.

E onde paira a minh'alma, em trevos ? Onde ?  
Foi com ella, pois bato hoje no peito  
E o coração tambem não me responde !

## O BATEL COR DE ROSA

(RICHEPIN)

Marinheiro feliz e alvoroçado  
Que a praia deixa e arrosta o sorvedouro,  
Para o paiz do sonho irei levado  
Do teu cabelo sobre as ondas de ouro...

Da tua saia, ao vento, o leve panno  
Hade abrir-se, enfunado, como as vélas ;  
Quando a noite baixar sobre o Oceano,  
Teus grandes olhos servirão de estrellas...

A rubra luz que o teu sorriso imita,  
— Pharol da grande gavea — hade brilhar ;  
Meu pavilhão forás de qualquer fita,  
Da carne branca o resplendor do luar.

Para ir tão longe hade munir-se a gente  
De fartas provisões para a viagem :  
Canções e beijos com que, certamente,  
Havemos de embriagar toda a equipagem...

Desceremos, ao cabo, não sei onde,  
Longe, bem longe, sob um céu risonho  
Numa plaga ideal em que se esconde  
O paraíso rutilo do sonho...

## A POESIA

(A Arthur Barbosa.)

Foste a amiga fiel dos meus tempos de creança  
E has de seguir commigo á derradeira idade,  
Que assim como cantaſte os poemas das esperança,  
Hasde cantar tambem os hymnos da saudade...

Como uma chamma ardente e rubra e crepitante  
Que ao vento cada vez mais augmenta o clarão,  
Jamais has de morrer ; ouço-te a cada instante  
Gemendo e soluçando em cada coração !

Em meio á funda dôr, á funda magoa em meio,  
Si um sorriso me chega, intercalando o pranto,  
E' que a pennugem doce e branda do teu seio  
Eduçora na lyra o echo do meu canto.

Vive o sonho em teu beijo... Allí dentro é que móra,  
Em frouxel perfumoso, o alado rouxinol  
Sempre prompto a cantar quando desponta a aurora,  
Prompto sempre a gemer quando succumbe o sol

O' vós, almas que amais, e esqueceis a poesia  
No mystico luar do vosso amor ardente :  
— Este rio, que passa, é o rio da harmonia...  
Parae, para escutal-o, á margem da corrente !

## MILAGRE

Well Juliette! I shall lie withyou to night..

(SHAKESPEARE.)

Um anno ha já, veiu buscal-a a morte...  
Hoje, de novo, as mesmas mãos piedosas  
Que ao céu se ergueram n'um cruel transporte.  
Vem procural-a em seu docel de rosas.

Nem parece mudada a sua sorte :  
Dos brancos pés ás faces setinosas,  
Tudo inda guarda o mesmo brilho forte  
De carnes que eram quentes e cheirosas...

Toda perfeita ! E alguém que a vê conforme  
E calma, quebra em blócos a prisão  
Em que se opera este milagre enorme...

Para traz, mão cruel! Profana mão,  
Que não sabes que a cova em que ella dorme  
E' a catacumba d'este coração !...

---

## CANTARES

(J. DE DIOS PEZA)

Campo que o sol de fulgores  
Jamais encheu,  
Sem aves, fontes nem flores,  
— Assim fui eu...

Rubro sol que os céos inflamma  
De ouro e carmin,  
Sol de viva e accesa chamma,  
— Tu foste assim...

Sol que ao campo abandonado  
Volta depois,  
Campo, enfim, do sol beijado  
— Somos os dois!

---

## LES ABEILLES

Les belles fleurs parfumeuses  
Des jardins sont le trésor ;  
Les abeilles amoureuses  
En cherchent les boutons d'or.

Dans votre bouche vermeille  
Eclos une fleur du ciel :  
Ma lèvre, comme une abeille,  
En voudrait sucer le miel...

---

## AS MULHERES

Flores rubras, sensuaes, da volupia e do goso,  
Que enchem os corações de aroma e de veneno,  
Só do fingido olhar com o phyltro mysterioso  
O homem, de grande e audaz, tornam fraco e pequeno. .

No entanto, na mulher, futilidade, apenas,  
Em tudo, leio : o olhar presumpçoso, a vaidade  
Tola e tonta, as razões, magoas, risos e penas,  
Alma e corpo, amulher toda é futilidade...

Não sou dos que suppõem que a vida é triste e chata  
Sem o adoravel ser que a magoa toda espanca,  
Mas adoro a mulher... como adoro uma gata  
Ronronando de amor, arqueada, e toda branca...

## CANÇÃO

(H. HEINE)

Guardam veneno (disseste)  
Meus versos ; e como não,  
Si tu de veneno encheste  
Minh'alma e meu coração ?

No teu conceito não mentes :  
Minh'alma veneno tem,  
Pois nella moram serpentes  
E, alem dellas, tu tambem !

---



## CANTARES

(J. DE DIOS PEZA)

### I

A mim que importa o arrebol  
Da tarde? Que importa a aurora?  
Para esta alma que te adora,  
Tu és o céu e és o sol!

### II

Vem! Deus, que é todo bondade,  
Vêla o nosso amor profundo,  
Amor que faz neste mundo  
De uma hora uma eternidade.

### III

O céu resplende com calma  
Dando-lhe Deus o esplendor:  
Assim resplende minh'alma  
Com o brilho do teu amor!

## MYOSOTIS

Dizes que afflige o contraste  
De ver-se a flor côr do céu  
Inclinando a debil haste  
Na pedra de um mausoléo...

Pois quando vieste, creança,  
Já me encontraste sem vida :  
Foste uma flor de esperança  
Junto a um tumulo nascida !

---

## RONDÓS

(RICHEPIN)

Todo o orvalho  
Se evapora de repente  
Quando o beija o sol ardente  
Sobre o galho ;  
Assim meu pranto, Senhora,  
Quando queres, se evapora  
Como o orvalho.

Rouxinol !  
O teu canto na ramada  
Parece a voz constipada  
De Guignol,  
Si a minha amante radiosa  
Solta a voz harmoniosa,  
Rouxinol !

A andorinha  
Volta quando a primavera  
Varre o vento, e na alta esphera  
Barborinha ;  
Tal teu riso aos céos ufanos  
Reconduz dos meus vinte annos  
A andorinha.

Meus amores  
São como um vinho que inflamma,  
E põe no outonino uma chamma  
De esplendores ;  
Venha, pois, a bebedeira  
Quando esgotto a taça inteira  
Dos amores !

---

## UM BEIJO

(M. FLORES)

Bacciamo in bocca!

(STECCHETTI.)

Quizera um beijo teu, um só, Senhora!  
Um beijo só dos teus é que eu queria;  
Somente um beijo o meu amor implora  
Porque a gloria de dous me mataria...

Um beijo, e nada mais! Do seu perfume  
Minh' alma toda se entontece e alaga,  
E o anseio que em beijar-te se resume  
Já nos meus labios impaciente vaga...

Minh' alma é tua; podes tu bem cedo  
De teus labios prendel-o nos refolhos;  
Mas não me olhes assim, que eu tenho medo  
De ver tão pento os teus divinos olhos!

O céu todo se arqueia em teus abraços...  
Arfa-me o peito, estuando de desejo;  
Ah! Sustem-me na vida de teus braços,  
Mas não me mates, louca, com teu beijo!

## RESURREIÇÃO

Eu te perdôo, flor, e te bemdigo :  
Nem ha piedade que commova tanto,  
Pois, neste de hoje, sinto o mesmo encanto  
E a mesma luz do nosso amor antigo.

Longe de mim pulsou teu peito amigo ;  
Sem compaixão, deixaste-me... no entanto  
Houve em meu pranto um pouco de teu pranto  
E em teu castigo tive o meu castigo.

A dôr, como a paixão que antigamente  
Tão por justo tivemos repartida,  
Repartida tivemos igualmente...

Voltas agora, triste e arrependida ;  
E, mais feliz, eu dou-te, finalmente,  
Todo o meu sangue, toda a minha vida !

---

## TOUJOURS

Elle est joyeuse et céleste!

(VICTOR HUGO.)

(A M. le D<sup>r</sup> Horigoutch.)

Pour cette femme que j'adore,  
Mon cœur hélas ! va se briser,  
Mais tant que je vivrai encore  
J'aurai des forces pour l'aimer.

De son amour l'onde idéale  
Coule et frémit comme un ruisseau...  
Je suis l'obstiné de Tentale  
Mourant de soif tout près de l'eau.

Tous mes poèmes doux et frêles  
Me font verser des pleurs amers ;  
O Dieu, pourquoi, ayant des ailes  
Dois-je ramper comme les vers ?

Je meurs, mais quoique cette flamme  
Trouble le calme de mes jours,  
Avant de voir flétrie mon âme,  
Je l'aimerai toujours, toujours !

## PELLE DE TIGRE

(LA BANA)

Bella e sósinha, vi-a...  
Sósinha e bella !  
Numa pelle dormia  
Como uma estrella.  
E eu, ao lado dizia :  
« Com que doce sorriso  
Os corações amarras,  
Filha do paraíso !

Tão linda era...  
Fui a beijal-a, e as garras  
Metteu-me a féra !

---





FRAGMENTOS

DO

POEMA

“ **Z A I D A** ”

Ao Dr. Astolpho Dutra Nicacio.



## NINHO AZUL

L'oiseau cache son nid, nous cachons  
[nos amours.

(VICTOR HUGO.)

O dia nasce ; o sol apoplectico, rubro,  
Manda á terra o esplendor de uma manhã de outubro  
Dourada e virginal... Vasa na brenha dura  
Aluz que boia em toda a extensão da planura,  
Colleando sobre um váo, tremendo sobre um calix,  
Como uma cobra de ouro a serpentear nos valles...  
O céu é todo azul, toda verde a esplanada  
Onde, em manhãs de Abril, ao fulgor da alvorada,  
Vêm alegres cantar os rouxinões em coro :  
Como o dia que nasce, a varzea é toda de ouro...

Brilhando entre myrtaes em flor, junto á montanha  
Que a agua clara de um rio em torvelinhos banha,  
Ha uma casa. Em redor, as sombras do arvoredado  
Dão a tudo o mysterio e a mudez de um segredo  
Impenetravel como as cathedraes de Brahma ...  
A ventania põe lamentações na rama

Das arvores, e o rio em que a floresta boie,  
Lambe-lhe o seio ideal n'uma caricia molle...

A casa é todo branca, e na balsa remota  
Descança e pouosa como a aza de uma gaivota.  
Em redes de torçaes, frouxas, de varias côres,  
Borda os muros, em torno, uma colcha de flores  
Larga, toda de aroma e seda, resplendendo  
Ao sol ; brilham ao longe os pincaros ; ardendo  
Num ninho quente e asul, o frouxel perfumado  
Faz o leito de amor, aberto, de um noivado...

O nome da habitante... é um peccado dizel-o :  
A luz do seu olhar, o ouro do seu cabelo  
Não têm rivaes nos sóes nem nas manhãs serenas  
E claras : é uma flor entre outros mais pequenas...  
Quando ella sae de casa, um instante, a passeio,  
Si deixa, descuidosa, o thezouro do seio  
Fugir da renda, em toda a extensão da alameda  
Erra um perfume quente e sensual que embebeda...  
Accende-se o vergel ao seu encanto, como  
A' onda clara de luz um verdejante pomo ;  
E no alto da montanha, e por todo o vallado,  
Em baixo, em cima, o sol, mais quente e mais dourado  
Rutila. Euche-lhe a veste o olor das brancas pomas...  
Si pisa a alfombra, no ar uma oblata de aromas  
Se eleva ; e as flores vão beijar-lhe os flancos, uma  
Por uma, e o roseo pé feito de jaspe e espuma...  
Guarda na fina pelle, em ondas voluptuosas,  
A neve dos jasmins e a purpura das rosas ;  
E da ancia e do prazer toda a volupia louca  
Electrisa-lhe o seio e esbrazeia-lhe a bocca.  
Si o vento rodomoinha em torno, ou, brisa terna,  
Quer descobrir lhe o pé e acariciar-lhe a perna,  
Ou, com a furia brutal de um desvairado amante,  
Cobiçoso, se affoita a caminhar por diante,  
Bebendo da alva pelle o aroma capitoso  
Naquelle céu de carne onde lateja o goso,

A alva do seu roupão busca logo escondel-a  
Como uma nebulosa occultando uma estrella.

Ha uma gala triumphal e esplendida por tudo,  
Desde a gaze, ideal como o sonho, ao velludo  
Que forra as dahlias ; enche a gruta a chuva de ouro  
Que vasa um sol eterno e eternamente louro...  
Voam, leves, as mil borboletas affeitas  
Que vão brilhar alem, como um Arco-Iris, nas moitas...  
Abre o monte sonoro a cortina das fraldas  
Como um manto real bordado de esmeraldas.  
A casa, em summa, é um ninho, é o retiro amoroso  
De uma deusa. Ao clarão do dia victorioso  
Ou ao raio que cae moribundo do Occaso,  
Brilha da mesma luz : para tal flor, tal vaso...  
Vê-se de muito longe a espalda desse monte  
De cuja crypta em flor, cosida no horizonte,  
Parece alçar-se ao céu, como de altar immenso.  
Toda a prece do campo, entre nuvens de incenso...  
De Zaida, a linda flor, este é o formoso ninho :  
Tal o que faz num galho aereo o passarinho,  
E que fica a cantar, palpitando na altura,  
Cheio de melodia e cheio de ternura...

---

## II

Do amor a rubra lava arde, lateja e estúa  
    Naquelle corpo undoso e cheio ;  
Na sua voz ha um brando e choroso gorgeio  
De passaros ; fremente e rija, a pelle núa  
    Põe-lhe em amojo o branco seio.

Um sopro de volupia, assanhando os desejos,  
    Enche-lhe as formas setinosas,  
Como um raio de sol que abre lyrios e rosas;  
E Ella — Via Lactea — esplende ao luar dos meus beijos  
    — Festão de estrellas jubilosas !

No delirio do amor collam se as nossas boccas,  
    E eil-as assim, como crateras  
De um volcão que se accende em sua carne, féras  
    Que se debatem como loucas  
E rugem com o furor de assanhadas pantheras...

Todo o seio lhe cinjo ; o meu labio o percorre ;  
    E, como a flor, que aspira o verme,  
Assim, ponto por ponto, a cheirosa epiderme  
    Aspiro e palpo ; nella morre  
Cançado de viajar, meu labio quasi inerme...

Zaida succumbe, enfim. Arde, lateja e estúa  
    Todo o seu corpo undoso e cheio ;  
Passa-lhe pela voz um choroso gorgeio  
De passaros ; fremente e rija, a pella núa  
    Põe-lhe em amojo o branco seio...

### III

Beija-me assim, que eu desejo  
Queimar-me no teu calor ;  
Beija-me assim, porque o beijo  
E' a hostia santa do amor !

Deus, que fez a noite escura,  
Creou-te para accendel-a :  
— Astro, em vez de creatura,  
— Em vez re mulher, estrella.

Sae do teu corpo nevado  
Que toda a graça resume,  
O cheiro mais delicado,  
O mais secreto perfume.

Si fallas, doce e suave  
A tua voz de crystal  
E' como o trillo de uma ave  
Cantando n'um roseiral.

Desde que a tepida aragem  
Nos teus cabellos se enrosque,  
Sente se a morna bafagem  
Dos moitas quentes de um bosque



Das cambraias deste leito  
Surge o teu corpo sem par,  
Como o de Venus, perfeito,  
Da branca espuma do mar.

Não fiques mais um instante  
Surda ao clamor do meu rogo,  
Aos labios do teu amante  
Colla os teus labios de fogo !

Es' hoje um botão apenas,  
Porem mais bella em botão  
Que aquellas flores morenas  
Dos cantos de Salomão

— Moças de lindos cabellos  
Negros e de olhos divinos  
Que a gente suppõe, ao vel-os,  
Fitar dous sóes pequeninos...

Moças como Ruth e Lia  
— Morenas em cujo olhar  
Cantava toda a poesia  
De uma noite de luar.

E amadas no mundo inteiro,  
Tanto pelos olhos, como  
Por aquelle estranho cheiro  
De nardo e de cynamomo ;

De peitos rijos, arfando  
Com a insolencia das ondas,  
Ainda mais arredondando  
As bellas formas redondas...

Para este ninho, querida,  
Teus doces raios conduz,  
Por que esta moita esquecida  
Não tem perfume nem luz.

Canta aqui ! Vive cantando !  
Sonorisa estes vallados,  
Para que te inveje o bando  
Dos rouxinões despeitados ;

Para que um novo arrebol  
Doure o cimo d'esta serra  
E cante tambem o sol  
No melhor logar da terra !

Para que se alastrem rosas  
E lyrios pelas campinas  
E soltem notas queixosas  
Os melros nas balsaminas.

Ardam perfumes ! Rescenda  
E brilhe a balsa estrellada :  
Temos um lençol de renda  
Nesta folhagem dourada...

Rosas, havemos de tel-as,  
E luz, e aroma, e esplendores...  
São nossas estas estrellas  
E são nossas estas flores !

---



## SEGUNDA PARTE

---

# LIVRO DE ISA

O cerebro caminha  
mais legeiro que o  
coração, mas não vae  
tão longe...

(CONFUCIO).

Pas de religion qui  
ne blasphème un peu.

(V. HUGO).



## INTROIBO...

Este livro é um altar...  
Ajoelha-te, minh'alma!

(ALBERTO DE OLIVEIRA.)

Este livro é um altar : em cada folha escura,  
Como em cada degráo da ara de um templo santo,  
Um penitente ajoelha e uma oração murmura  
Com os olhos humidos de pranto...

Nelle, attenta, e escutando, entre um rumor de harpejos,  
Algum canto de amor que o teu nome não traz,  
Alguma flor, talvez, offertada entre beijos,  
Entre outras flores acharás...

Recolhe essas tambem, filhas do sentimento,  
Mortas inda ao nascer, sem luz e sem carinhos ;  
D'ellas as pet'las d'ouro eu desfolhei ao vento,  
Guardando apenas os espinhos...

São tuas. Tudo quanto ha em mim de almo e divino,  
Tudo o que em mim palpita e em mim falla de amor,  
Pertence-te : minh'alma é tua ; meu destino  
E' teu ; é tua a minha dôr...

Tudo, tudo : o futuro, o presente medonho  
E o passado infeliz, de dubia claridade,  
Que inda vejo atravez da aza triste do sonho  
— Roxa alameda da saudade...

Deixa que d'este livro em cada folha escura  
Eu erga ao teu amor o degrão de um altar :  
Nelle minh'alma ajoelha e uma oração murmura,  
Sempre a soffrer, mas a cantar...

---

## POEMA DE ISA

### I

Do sagrado instrumento corda a corda  
Vibrando, puz em cantos redoirados  
Toda a alegria que de mim transborda.

Mas, fugindo dos homens revoltados,  
Fui proclamal-a, audaz e alviçareiro,  
Ao mar, aos céos e aos campos perfumados...

E parti. Lyra em punho, um poema inteiro  
'Nalma a cantar, busquei do vasto mundo  
Perlustrar os arcanos... Fui : primeiro,

Ao mar. Ao velho mar cavo e profundo  
Desci. Tritões e nymphas, em porfia,  
Ao meu canto accudiram, n'um segundo.

E ao mar fallei na gloria e na alegria  
D'este amor que ao céu claro me arrebatá  
E que é o meu sonho, a minha luz, meu dia !



E, triste, o mar : « Essa, formosa e ingrata,  
Das nymphas a mais bella, era beijada  
D'estas espumas alvas como a prata ;

Um dia, entre os pallores da alvorada,  
Como Aphrodita á luz da Grecia antiga,  
Foi ás ondas do Oceano arrebatada...

Minha dôr, desde então, nada ha que a diga :  
Nem os versos de Homero, nem de Horacio  
As odes — nada esta paixão mitiga !

Por isso, em raiva como um Deus do Lacio,  
Chôro, quando a bramir na praia estouro,  
A perola melhor do meu thezouro,  
A nympha mais gentil do meu palacio.

## II

Aos céos, depois, subi : sonho de poeta  
Foi o que me levou, mas sonho ardente  
Como o carro de fogo do propheta...

E interroguei a abobada esplendente  
Prenhe de estrellas e de nebulosas  
Que se accenderam todas, de repente...

E o céu também, choroso, estas saudosas  
Palavras proferiu : « Tenho a tristeza  
Das noites longas e tempestuosas...

Já não sorri, cantando, a Natureza  
Sob um pallio de luz ; si aqui não foras,  
Não me accendera agora, com certeza.

Brilho ainda, mas vê que enganadoras  
Luzes, alem... para de longe vel-as  
Só dos poetas as almas sonhadoras.

E' que falta hoje ao céu, para accendel-as,  
Seu corpo astral, que o mundo illuminava,  
Mais claro do que todas as estrellas !

Partiu a ingrata da mansão que a amava ;  
Na terra, onde de luz não deixa um traço,  
De um poeta agora, anda, sonhando, escrava ... »

Correndo a resguardal-a de algum laço,  
De escondel-a, inda mais, veiu-me a idéa :  
Vi a lua, entre nuvens, de alcatéa,  
E os cometas de ronda pelo espaço...

### III

Aos campos fui depois... Que scena extranha !  
Das arvores as comas farfalhantes  
Desgrenhavam-se ao vento da montanha...

Tudo o contrario do que eu vira d'antes :  
Não mais zumbia em torno a um doce calix  
O enxame das abelhas susurrantes...

Dir-se-hia que fugindo a extranhas males,  
Perdera-se na brisa e nos perfumes  
A alma errante e buccolica dos valles !

Não mais pouso e mansão de ethereos numes,  
Só á noite os percorre o alado bando  
Das mariposas e dos vagalumes...

E fallaram tambem os valles, quando  
Inquirindo da magoa que os premia,  
Fui as flores e o sol interrogando.

E um sylpho entre os rosaes assim dizia :  
Inda perguntas, ó malvado e astuto,  
Qual a razão desta melancolia ?

Tu, que um roubo fizeste, audaz e bruto,  
Nem devias pisar as veigas claras  
Que assim cobriste de tristeza e lucto !

A oreada gentil de prendas raras  
Roubaste-a, infame ! Erra a magoa, por isso,  
Nos vergeis e nas rutilas searas...

Foi-se das flores todas o feitiço ;  
Perdeu de alvor a luz das madrugadas,  
As rosas já não têm nem côr nem viço...

Foi se a alma do verão : as mãos rosadas,  
E os cabellos que o sol punha, de escuros,  
Louros, da côr das espigas douradas,  
Louros, da côr dos milharaes maduros !...

## IV

Aturdido e confuso a tantas vozes  
Que na treva e na luz me apostrophavam,  
Voltei ao peso de paixões atrozes :

Céos e campos a um tempo proclamavam  
Meu thezouro real. As ondas querulas  
Sobre as areias de ouro marulhavam

As angustias do mar... E elle as carcerulas  
Mais puras dera em troca, e dera ainda  
Seu largo escritorio de coraes e perolas...

Mas como o avaro, com cautela infinda,  
Guardo o thezouro regio e fabuloso  
Da minha joia encantadora e linda !

Em toda parte um echo lastimoso  
Ouvi desse pezar que por momentos  
Simplem murmurio pareceu sandoso...

Só agora interpreta em taes lamentos  
Minh'alma, que por fim d'elles não zomba,  
A tristeza do céo, a voz dos ventos  
E a colera do mar quando ribomba !...

---

## MOYSÉS

Eu tambem caminhava entre a neblina,  
Como Moysés pelos desertos tredos,  
Buscando o ideal da terra peregrina  
De que só tu conheces os segredos.

Tive sêde, também, ancias e medos ;  
Do Amor, porem, á tua voz divina,  
Fendeu-se a penha brava, e entre os rochedos  
A agoa jorrou sonora e crystalina...

Es' o balsamo bom do meu desgoto,  
O arco Iris entre mim e o mundo posto,  
A columna de fogo do deserto

Que encobre o ardor do sol durante o dia  
E os escuros caminhos me allumia  
Quando as sombras da noite chegam perto.

## PRIMEIRO BEIJO

Leio a um canto da sala ; e, enquanto, lendo,  
Perscruto, em torno, os mudos corredores,  
Vejo-te entrar, na leve mão trazendo  
Um leve ramo de olorosas flores.

Mensageiras gentis dos teus amores,  
Junto de mim o olor ficam vertendo ;  
E um longo beijo, cheia de rubores,  
Deixas cahir na minha face, ardendo...

Bem dita redempção ! Bem dito dia  
Que, em vez do vão fulgor de uma chimera,  
Minh'alma encheu de luz e de harmonia ;

Porque este beijo, que assim canta e espera,  
E' a primeira cigarra que annuncia  
Do nosso amor a eterna primavera !

---

## DESVARIO

Desvario, paixão, febre, loucura...  
(Chama como quizeres esse estreito,  
Rijo tormento de masmorra escura  
Que me espedaça e dilacera o peito !)

No painel do meu sonho, onde fulgura  
Todo o verão de que teu beijo é feito,  
Passa o fremito alado que susurra  
Entre os linhos cheirosos do teu leito...

Volto á razão e recupero a calma ;  
Mas a febre me deixa inda alquebrado  
E a phantasia as azas de ouro espalma...

Por ti renego as crenças do passado ;  
Por ti profanarei toda a minh'alma  
Na volupia do crime e do peccado...

---

## CANTA

Hynverno triste e luctulento :  
No meu jardim nem uma rosa !  
Treva a negror... Zarguncha o vento  
Na noite fria e tenebrosa.

Que nos importa o hynverno, agora ?  
Cante e papeie a tua voz...  
Si ha muita treva lá por fóra,  
Ha muito azul dentro de nós !



## NOITE DE HYNVERNO

Tece Junho, o glacial, de candidas neblinas  
O frio véo da noite em lucto ; pavorosas,  
Rondam trevas em torno ás mudas casuarinas...  
Anda o vento a despir a tunica das rosas.

Vimos os dois, fugindo ás insidias raivosas  
Da lufada ; e ainda assim, na alcova, onde as franzinas  
Mãos lhe affago, a tremer, duras e tormentosas  
Picam, do frio, a carne, as agulhas mais finas.

Ao leito, enfim, seu corpo ascende, como a lúá...  
E alli, qual pelo espaço, entre vivos lampejos,  
A estrella em fundo céo fluctúa, ella fluctúa...

Louco, então, de volupia, ebriado de desejos,  
Por lhe aquecer a carne alva, cheirosa e núa,  
Ponho a queimal-a toda a pyra dos meus beijos !

---

## NOVA LUZ

Sei que lês estes versos, vagamente,  
Como estrophes de anonyma poesia,  
Razão porque não canto o que a alma sente  
Nem digo tudo o que dizer podia.

Embora ! Bebo o olor, sorvo a torrente  
De luz que de teu corpo se irradia,  
Pois nunca vi cantando juntamente  
Tanto fulgor e tanta melodia !

Para longe as estrophes que choraram !  
Para longe essa nuvem tenebrosa  
De dias tristes e de luz tão pouca ;

Arderam novos céos, quando escutaram  
A tua bocca lubrica e cheirosa  
Rolando beijos sobre a minha bocca !

---

## ZAGALA

E' cedo ainda ; á brisa que farfalha,  
Passas, na aza subtil de um sonho brando,  
De vara em punho e de chapéo de palha,  
Pelos campos alegres passeando...

A' velha moda, então, de Pan, me calha  
Seguir-te, a furto ; e um calamo cortando,  
Delle vou, á manhã que os sons espalha,  
Cantos de amor num pifano soprando...

Da agreste fruta aos tremulos harpejos,  
Digo-te terna e doce e brandamente  
Quanto nutro em chimeras e em desejos...

E adormeces ao som dos ais tristonhos,  
— Linda zagala dos meus doces beijos,  
— Leda pastora dos meus pobres sonhos !

---

## NANHÃ DE AGOSTO

Accordo. A' musica de ouro  
Do dia, corro á janella :  
— « E' Ella que canta em côro  
Com os passarinhos... é Ella ! »

Digo ; e, entre as galas douradas  
Dessa bacchanal pagã,  
Solto as estrophes aladas  
Na limpidez da manhã.

Canta-me n'alma a alegria  
E a vida canta lá fóra :  
Sahiu apenas o dia  
Do roseo banho da aurora...

Tanto essa luz vasa o calix  
Da dôr, e cantando vem,  
Que eu cuido que pelos valles  
Ella gorgéia tambem !

Desprende a manhã tão linda  
Tão perfumosa canção  
Que eu levo horas ainda  
Sem desfazer a illusão ;

E digo, á musica de ouro  
Que alaga a minha janella :  
« E' Ella que canta em côro  
Com os passarinhos... é Ella ! »

Mas apenas no arvorado  
Afina um melro a garganta...  
Só na minh' alma, em segredo,  
E' que Ella gorgeia e canta !

---

## EM PASSEIO...

O' que famintos beijos na floresta!  
E que mimoso côro que soava!

(CAMÕES.)

Ao longo da alameda, caminhando  
Fomos os dois... Fallavamos de amores...  
Ao teu encanto a luz ia brotando ;  
Sob os meus pés iam brotando flores...

Tinhas no rosto esse fulgor divino  
Que a febre accusa e ao extase arrebatada ;  
O sol radiante dardejava a pino  
Quando contigo penetrei na matta...

Uma orchestra de aromas e de minhos  
Sonorisava o bosque e os verdes ramos ;  
Em arremedo aos outros passarinhos  
Trillava perto a voz dos gaturamos.

Tudo ardia de inveja e de ciume !  
Manso arrullavam juritys e rôlas ;  
Das flores evolava-se o perfume  
Como num templo o incenso das caçoulas.

Tatalando, ao rumor do nosso idyllio,  
Em cada moita, aberta á luz ridente,  
A aza de ouro de um verso de Virgilio  
Errava... errava, em torno, o sol ardente...

Quando trocamos o primeiro beijo  
Louco, amoroso, quente, apaixonado,  
Resoou na floresta um longo harpejo  
Que os seraphins no céo tinham vibrado !

Toda a matta, em redor, cheirava e ardia,  
A alma banhando em sensações estranhas ;  
O prorio céo mais alto parecia...  
Pareciam mais altas as montanhas ;

Depois... porque contar toda a loucura ?  
Veiu a vertigem... Mudos, silenciosos,  
Cingimo-nos, e ao peso da ventura  
Nossos corpos dobraram-se amorosos...

Quando te alcei d'essa paragem florea,  
Soavam hymnos de amor ; e uma cigarra,  
Como a entoar-me um canto de victoria,  
Tocava no alto a estridula fanfarra !...

## EM VÃO

Em vão a nossa calma  
Busquem toldar... em vão :  
Tudo o que diz minh'alma  
Repete o coração !

Esqueço a dôr de outr' ora  
Como si um sonho fosse,  
Para dormir agora  
Somno mais calmo e doce.

O teu altar incensam  
Meus versos com fervor,  
E eu canto a paz e a benção  
Do teu divino amor !

Que os olhos teus me firam :  
Não fallo como os poetas  
Que, emphaticos, suspiram  
As dôres mais secretas,

E em rimas de ouro e opala  
Buscam real thezouro :  
O amor somente é gala,  
Somente o amor é de ouro.



O verso mais singelo,  
Mais lepido, traduz  
O encanto desse anhello  
E o brilho dessa luz.

Não vale gastar mezes ;  
Basta-me a Musa antiga  
Para dizer-te, ás vezes,  
Uma palavra amiga.

Quem é que ensina o meio  
De rutilar ao sol ?...  
E' limpido o gorgoio  
Do livre rouxinol !

A mais doce harmonia  
Susurra a aza do vento :  
Si é velha a poesia,  
E' velho o sentimento.

Pos isso assim te incensam  
Meus versos, linda flor,  
E eu canto a paz e a benção  
Do teu divino amor ;

E splende, na chimera  
De um sonho doce e terno  
A eterna primavera  
De nosso amor eterno !

Busquem foldar a calma  
Do nosso affecto... em vão !  
Tudo o que diz minh' alma  
Repete a coração...

## VELHA CANÇÃO

Ouvindo o canto que ensaiaste agora,  
Lembrou-me o tom ligeiro  
De uma velha canção que ouvi outr'ora  
No rancho de um tropeiro.

Eram versos de um peito apaixonado  
Que o trovador queixoso  
Rimava num suspiro prolongado  
Do violão choroso...

Dizia assim : « Do amor perdeu-se a chamma  
Que escravo teu me fez,  
Porque basta somente ser, quem ama,  
Enganado uma vez... »

Guardei da toada os versos e o quebranto  
Que de cór aprendi,  
E do tropeiro, muito tempo, o canto  
Sósinho repeti.

Ouvindo o trecho que ensiaste agora,  
Passou-me pelo ouvido  
D'essa mesma canção, que ouvi outr'ora,  
Um echo dolorido...

## ILLUSAO

« — Heide esquecer-te... (digo, presumpçoso  
De cumprir tal protesto) — E' bem que esqueça  
Quem tanto esquece ; altivo e caprichoso  
E' justo, um dia, que eu tambem pareça !... »

« Heide varrer de dentro do meu peito  
Toda a memoria d'este amor ingrato ! »

E á noite, vou beijar, quando me deito,  
Tuas cartas, teu lenço e teu retrato...

---

## NEBULOSA

Vi-te radiante, envolvida  
No teu roupão côr de rosa,  
Como uma estrella escondida  
No alvor de uma nebulosa.

Nos olhos lucidos, davas  
A visão de uma chimera,  
E no corpo, em flôr, guardavas  
O olor de uma primavera.

E eu vi, na minh'alma escura,  
Tocada do teu sorriso,  
A mesma luz que fulgura  
Lá dentro do paraizo !

Por isso, já deslebrado  
De um pesadello medonho,  
Quiz percorrer, a teu lado,  
Toda a paysagem do sonho...

E, embora já quasi morto  
Do fogo em que tu me abrazas,  
Dormi feliz, ao conforto  
Das tuas candidas azas.

## BIANCO VESTITA

Si houvesse luz inda um dia  
Em meu coração desfeito,  
Em vez de versos e dôres  
Eu certamente a daria  
Por uma só dessas flôres  
Que brilham sobre o teu peito...

Porque de branco vestida,  
Com tantas flôres, que, ao vê-las,  
Tenho ciumes brutaes ?  
E' justa a razão, querida :  
Por entre a nevoa, as estrellas  
Podem brilhar muito mais !

---

## NUVEM DOURADA

Soffre minh'alma  
Vendo-te, a olhar  
A nuvem calma  
Que passa no ar...

— Nuvem dourada  
Do firmamento,  
Sempre tocada  
Da aza do vento,

Por esta vida  
Minh'alma passa  
Sempre batida  
Pela desgraça.

Mas faz-se mansa  
Quando a illusão  
Põe a esperança  
No coração ;

Da magoa zomba,  
Quer teu carinho...  
E' como a pomba  
Buscando o ninho...

Mas tu, que o orgulho  
Guardas da flôr ;  
Ouvindo o arrulho  
Da minha dôr ;

Deixas minh'alma,  
E olhas, scismando,  
A nuvem calma  
Que vae passando !...

---

## VERÃO EM FESTA

Canta o verão esplendido. A alameda  
Rutila, cheira ; e no alamo, e na parra,  
Por onde vóa a borboleta leda,  
Fulge a luz, canta estridula a cigarra...

Dardeja o sol, que o pallio de ouro amarra  
A' aza que rufila a amarrotada seda ;  
E ouve-se a voz dos ninhos, e a algazarra  
Deste perenne idyllio que embebeda !

— Isto dizem os poetas, insensatos  
Que o rutilante brilho dos espathos  
Olham, sem vêr nem uma flôr como esta...

Só tu, dourada e fulgida chimera,  
Tu, que és todo o verão e a primavera,  
Déras mais luz, mais ouro áquella festa !

---



## DIANA

Causa d'este pezar sem lenitivo  
E's tu, a Diana caçadora e brava  
Que quer que eu sinta e que suporte vivo  
Todas as settas que inda tens na aljava !

Impia e cruel, no ardor do gesto altivo  
Vibras o dardo que o desdem me crava,  
Porque eu, que sou do teu poder captivo,  
Vi-te tambem do meu amor escrava !

Mata-me ; vence, emfim ! Quando a agonia  
Turvar-me á face os ultimos pallores,  
E a alma me achares regelada e fria,

Lembra-te, ao menos, que eu morri de amores,  
Para que possas d'essa aljava, um dia,  
Todas as settas converter em flôres !

---

# IMPOSSIVEL

(J. D. PEZA)

Não me podes amar... fôra doidice  
Torcer a sorte que se faz mesquinha :  
Si a mesma sorte um dia nos unisse,  
Serias infeliz por seres minha !

---

## AO LUAR

Era tarde e a noite calida  
De uma doçura sem fim,  
Quando penetrei precipite  
Nas sombras do seu jardim

Por entre a fila das arvores  
Seu vulto me appareceu ;  
— Julieta inquieta e romantica  
Vinha em busca de Romeu...

O amojó dos seios tumidos  
Erguia-lhe o alvo roupão  
Mais rutilante que a chlamyde  
Das virgens de Salomão.

Entre as sombras dos sycomoros  
Fomos, por fim, passear...  
No céo errava a luz pallida  
De um merencoreo luar.

Tomei-lhe, apos, a mão gelida  
Tão linda como uma flôr,  
E puz-lhe nos labios tremulos  
Um longo beijo de amor...

Ao fundo escuro da chacara  
Tomou-me a paixão voraz ;  
Errava, em torno, balsamico,  
O aroma dos manacás...

Veu então a febre languida  
Que sempre chega depois,  
E presos da mesma syncope  
Desfallecemos os dois...

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Fugimos ; a aurora fulgida  
Do Oriente já vinha á flux :  
Fomos os primeiros passaros  
Que viram surgir a luz...

## VIDA E MORTE

Fallar-te, filha, da melancolia  
Que enlucta esta alma de te amar cançada,  
E' a prece que me escutas des le o dia,  
Desde o momento em que te viste amada.

Sinto, no entanto, o vacuo, em torno ; e em cada  
Hora, que passa, um dardo de agonia...  
E a lembrança de tudo, hoje apagada,  
Lanças ao vento, como a cinza fria !

Nem sei dizer-te, pomba estremecida,  
Que véo pesado ensombra a minha sorte,  
Que mal cruel gangrena esta ferida !

Tropeçando e a cair, vago sem norte,  
Pois, si em tua lembrança busco a vida,  
Acho na ausencia, a solidão e a morte !

## DUAS AZAS

Nos seus dous olhos negros, tempestuosos,  
Em que um fragor de coleras rebenta,  
Tenho a visão dos mundos tenebrosos  
Em que ruge a paixão, como a tormenta

Mas vejo nelles desfilhar, ao menos,  
Dos meus ideaes a morta caravana,  
Porque só ella guarda a luz de Venus  
E de Minerva a graça soberar a.

Só ella, ao vêr-me padecer afflicto,  
Mede os mundos de dôr que em mim abranjo ;  
Só ella em meio á treva em que me agito  
Põe o fulgor de duas azas de anjo l...

## STELLA CONFIDENTE

D'entre o mundo de estrelas, que fulgura  
Pelo esplendor da abobada arqueada,  
Ha uma estrella, **uma estrella ha nessa altura**  
Que guarda a luz da tua fronte amada :

E' Venus. Toda a longa madrugada  
Falla de ti, doidas canções murmura...  
Por ella sei que tens a alma enluctada  
Porem cheia de amor e de ternura.

Contei-lhe dos meus males a inclemencia,  
E ella hade repetir ao teu ouvido  
Toda a *romanza* d'esta penitencia...

Ouvirás o seu canto dolorido,  
E hasde saber que eu tenho, pela ausencia,  
A alma sem fé e o coração partido.

---

## PEDIDO

Dizes que não te esqueça, e que em meio ao deserto  
Em que sósinho me deixaste,  
Andam beijos errando, e me assistem de perto  
O amor e a fé que me juraste...

Esquecer o martyrio? E' inutil o teu rogo...  
A mesma febre me consome,  
E em minh'alma deixei gravar com sangue e fogo  
As cinco letras do teu nome...

---



## PAYSAGEM

Quão longe estamos do viver de outr'ora!  
Como ennuclaste o sol d'aquelle dia!  
Já nem posso, siquer, dizer-te agora  
O que a cada momento eu te dizia.

No entanto, fulge a primavera ; Flora  
De ricas, novas galas se atavia,  
E borda a rosea tunica da aurora  
Que, da aurea porta do Oriente, espia...

Na téla d'este sonho, que resumbra  
A frescura de um bosque, eu vejo a imagem  
D'este verão de amor que me deslumbra ;

E' o mesmo céu, a mesma ideal paragem ;  
Só a saudade põe uma penumbra,  
Um crepusculo triste na paysagem...

---

## MINHA MUSA

Preso ao extase suave  
De uma tristeza sem par,  
Minha Musa é como uma ave  
Que anseia apenas voar...

Chega ás paragens secretas  
Do desespero e da dôr  
E aonde vão as inquietas  
Azas do beijo e do amor...

Faz um bätel pequenino  
De pandas, purpureas velas,  
E, num clarão matutino,  
Ascende ao céu e ás estrellas!

Com ellas falla e conversa  
Da alcova dos arreboés  
E desce tranquilla, immersa  
Na luz de todos os sóes.

Vive, filha, neste mundo,  
Mas vae ao céu onde mórás,  
E mergulha no profundo  
Mar Vermelho das auroras...

Versos meus ! Rimas que faço  
No arroubo audaz da paixão !  
Versos que sois como um laço  
Apertando um coração ;

Flôres partidas nos campos  
Ao bafo impuro do vento ;  
Bando azul de pyrilampos  
Na noite do meu tormento ;

Si achais um raio do dia  
Para dourar minha cruz,  
E' que no olhar de Maria  
Fostes beber toda a luz !

---

## VELHO THEMA

Fatigado viajor, que do deserto,  
Ledo, percorre o areal que o sol castiga,  
Busca um pouso na terra, onde se abriga,  
Vendo as sombras da noite que vem perto.

Assim tambem, — ó minha doce amiga! —  
Em meio ainda do percurso incerto,  
No teu regaço, para mim aberto,  
Fui repousar, exausto de fadiga...

De uma planta fatal, que em meio á trilha  
Em flôres perfumosas se desata,  
Bebe a morte o viajor que o somno pilha...

Assim teu beijo a vida me arrebatã  
— Beijo que guarda como a mancenilha  
O mesmo aroma que envenena e mata!

## LENDA MYSTICA

Contam de formosíssima princeza  
Que tão piedosa aos pobres se mostrava,  
Que, por milagre, a propria natureza  
Do seu poder mostrou-se um dia escrava.

Era o caso que a dama celebrada  
— Bella e fidalga — tinha por desvêllo  
Estancar toda lagrima brotada  
No sitio em que torreaava o seu castello.

Como um anjo de Deus, cortando o espaço  
Que mal purpleava a luz da aurora,  
Humilde, olhos no chão, cesta no braço,  
Ia, furtiva, pela estrada afóra...

Pães despejava ao collo da indigencia,  
E nas lagrimas punha o santo orvalho  
Com que molhava as faces da innocencia  
Orphã da luz, do amor e do trabalho.

Viu-a o principe um dia, e emquanto, irado  
Quiz a tanta piedade oppor furores,  
Força foi que um milagre inesperado  
Os pães da cesta convertesse em flôres...

Houve tempo tambem em que, desfeito  
E preso nesse olhar que tudo acalma,  
Dividia em suspiros o meu peito,  
Repartia em pedaços a minh'alma...

Hoje tudo passou ; frios, medonhos,  
No passado se arrastam meus desejos :  
Nas nossas almas já não moram sonhos,  
Nas nossas boccas já não rolam beijos...

E — milagre inaudito — quando a fria  
Morte encheu de minh'alma os universos,  
Da propria dôr e da melancolia  
Surgiram rimas, rebentaram versos...

---

## TROVAS

### I

Do meu peito a dôr **secreta**  
Quizeste ainda **augmentar**  
Cravando nelle uma **setta**  
Que envenenaste no **olhar.**

Insensata, que não **vias**  
(Tanto te **céga a paixão**)  
Que a ti mesma te **ferias**  
Ferindo-me o **coraçõol**

### II

Querendo ver-me **sujeito**  
A' morte, mais de **uma vez,**  
Déste o exemplo **perfeito**  
De um sacrificio **chinez.**

Sinto que d'ella te **prive,**  
Mas não traz gloria ou **conforto**  
Matar a quem já não **vive,**  
Dar punhaladas num **morto.**

## III

De um rei contaram-me um dia  
Que em seu thezouro guardou  
Tanta luz de pedraria  
Que os proprios olhos cegou

A mim não me fez cegar,  
Mas poz a minh'alma louca  
A luz que vive a brilhar  
No escriptorio da tua bocca.

---



## DE VOLTA

Torno da terra das manhãs brumosas,  
Das noites cheias de melancolia,  
Onde as cecens e as orvalhadas rosas  
Abrem-se aos beijos humidos do dia.

Deixei o sol e as brisas rumorosas  
Que cantam lá com muito mais poesia,  
Mas vim beber em amphoras cheirosas  
A luz que de teus olhos irradiá...

E hoje, feliz porque de ti estou perto,  
Recobro aos poucos o perdido alento,  
Meu coração de encontro ao teu aperto;

Sinto-o que pulsa de contentamento,  
Ao vêr que brilha sobre o meu deserto  
Um novo sol e um novo firmamento!

## A ENTREVISTA

Espero-a. Toda a tarde e todo o dia,  
Afflicto, andei, na ancia de vê-la; e agora,  
Este vento a zunir na ramaria  
E esta chuva monotona lá fóra!...

Olho o relógio que se move ao fundo  
E, ora lento, ora presto, vae medindo  
Cada minuto mais, cada segundo  
E os sonhos que com elles vão fugindo...

Um ruído... alguém!... Corro, abro a porta : fria  
E negra é a noite... Apenas, a esta hora,  
Zune o vento na densa ramaria,  
Cae a chuva monotona lá fóra!...

« Ella não vem, — murmúro desolado —  
E, no entanto, a paixão, que me enche o peito,  
Bem podia aquecer-nos um bocado  
Entre as rendas cheirosas d'este leito! »

Paro; escuto, impaciente... Que agonia!  
Nada... Em meio da treva que apavora,  
Zune o vento na densa ramaria,  
Cae a chuva monotona lá fóra!

« Já não virá... Que chuva impertinente! »  
Vou fechar... e eis que um vulto, da espessura  
Da treva, surge, e passa-me na frente  
Como o rufo de uma aza... oh! que ventura!

Chega a vingança contra a noite fria :  
Beijo-a toda... arde a carne, em fogo... Agora  
Zuna o vento na densa ramaria,  
Caia a chuva monotona lá fóra!

---

## ESQUECIMENTO

Si queres india vêr como escondida  
Guardo no peito a tua imagem pura,  
— Imagem que no céu da minha vida  
E' como um sol ardente que fulgura;

Convida o coração na sepultura  
A viver e pulsar por ti; convida  
Minh'alma para amar de novo; cura  
A, que lhe abriste, caustica ferida...

Só pedira a paixão com que me illudo  
Que um raio apenas d'essa luz me desses,  
E uma palavra do teu labio mudo;

Mas nem ouves, siquer, as minhas preces;  
E enquanto, para amar-te, esqueço tudo,  
Tu, por um nada, o meu amor esqueces.

---

## NO CAMPO

Para calmar tantas dôres  
Busquei a vida dos campos;  
Aqui brilham mais as flores,  
E os pyrilampos...

Arde o sol pelos vallados,  
E na aza dos colibris  
Quebra os esquinios dourados  
Onde guarda os seus rubis

Agil, leve, em leve adejo,  
Acceso em purpuras, Maio  
Traz um riso em cada beijo  
E uma flôr em cada raio.

Um novo canto enche o valle  
E ao longe, no alto, se perde...  
Só esta musica vale  
As symphonias de Verdi!

A aurora visita os ninhos :  
— Grisette de mãos rosadas,  
Pula e canta ; os passarinhos  
Respondem com gargalhadas...

A magnolia expõe á brisa  
O seio branco... ora esta !...  
Olha, em fraldas de camisa,  
A outra dormindo a sesta !

Não sente ahi quem se affoita  
A ficar de todo exangue...  
Stá quente ainda esta moita ;  
Naquelle ha um pouco de sangue...

Um beija flôr o aproveita  
Na pintura de uma dahlia  
Que hade sahir mais perfeita  
Que os quadros todos da Italia.

Filha ! Para estes instantes  
Traz o teu corpo gentil :  
E' mais um casal de amantes  
Que vem ás bodas de Abril...

Tão leve e fragil como és,  
Procura sempre uma sombra...  
Não te vá magoar os pés  
O velludo d'esta alfombra...

Não ha flôr que não comprehenda  
Os nossos beijos rythmados :  
Vem, Amor ! Abre-me a tenda  
Dos teus cabellos dourados !

Vem, junto á fonte sonora,  
Na gruta que nos espera,  
Beber os beijos da aurora  
E o aroma da primavera !

## HELIANTHO

(A Eugenio de Magalhães.)

E'o anthos de ouro, a flôr apaixonada,  
Gemma que fulge em limpido crysol,  
A flava espuma enfim crystalisada  
Pelas caricias rutilas do sol.

Vendo a alameda tepida e abrazada  
Onde se expande o fulvo gira-sol,  
Nem sei si esse fulgor da luz dourada  
Sóbe do campo, ou desce do arrebol...

Ah! Si eu mudar pudesse, num instante,  
A alma da ingrata nessa flôr constante  
Que só bafeja a viração do sul,

Veria a mesma esplendida miragem  
Do campo, e na minh'alma a sua imagem  
Veria abrir-se, como um sol no azul!...

## DISCORDANCIA

Dizes que és bella, e que, por isso, o mundo  
Tens fechado na mão —  
A forma é boa, mas, talvez, no fundo,  
Tu não tenhas razão :

Douram-te a fronte os arreboes suaves ;  
O teu sorriso canta,  
E a mais canora e estridula das aves  
Prendeste na garganta;

Teus olhos ferem, causam-me desmaios :  
São dous profundos céos  
Cortados de relampagos e raios,  
De gritos e escarcéos ;

Quando, o primeiro trillo desferindo,  
Saes pelo campo afóra,  
Eu não sei quem as rosas vae abrindo,  
Si és tu, ou si é a aurora...

Deu-te o vergel da tua adolescencia  
O aroma de uma flôr,  
E deu-te á carne uma secreta essencia,  
Um extranho calor ;



No entanto, vê : o teu olhar macio  
Que as flores desabrocha,  
Nem o meu peito fere, como um rio  
Que abre, lento, uma rocha...

De que vale esse brilho estranho e louco?  
De que vale essa luz ?  
Tens nos olhos o céu — isso é bem pouco —  
Tens nos braços a cruz !

Não te illudas, portanto. Guarda n'alma  
O seu casto perfume ;  
Assim terás a ingenuidade e a calma  
Que a innocencia resume.

Só a poesia tem raios brilhantes  
Para o teu arrebol :  
E's como a joia que não tem cambiantes  
Sem um raio de sol.

Emquanto apenas doure a formosura  
Essa face de rosa,  
Não vencerás, Amor, a rocha dura,  
Não vencerás, formosa !

Belleza fatua ! A' minh'alma perdida  
Brilharás, afinal,  
Como junto de um corpo já sem vida  
Uma chamma mortal.

Todo esse brilho hade passar ainda  
E has de cahir de chofre,  
Como uma joia pequenina e linda  
Na escuridão de um cofre...

## TOXICO

Minh'alma, ao ver-te passando,  
Sospirando  
Já vencida, se julgava  
Tua escrava.

E queria com ternura  
A ventura  
De vêr junto ao coração  
Tua mão.

Que morrera entre os escolhos  
Dos teus olhos,  
Toda hora e todo dia  
Me dizia.

Mas achava duvidoso  
Mesmo o goso  
De uma esmola inda alcançar  
Desse olhar...

Sospirava a toda hora,  
Como agora  
Quando um raio nem alcança  
De esperança!

Procurava o parizo  
No teu riso,  
E apagar no teu amor  
Toda a dôr.

Sospirava delirante  
Pelo instante  
Em que um dia inda beijasse  
Tua face...

— Sonho bom, quasi innocente,  
Certamente :  
Beijo dado entre dous ais,  
Nada mais !

Mas qual busca a borboleta,  
A violeta,  
Foi buscar minh'alma louca  
Tua bocca.

Pobre abelha d'estes valles,  
No teu calix  
Onde os outros acham mei,  
Achou fel !

Foi matar o seu desejo  
No teu beijo ;  
Mas o philtro, que era forte,  
Deu-lhe a morte...

---

## SONHO

Sonho com ella, Coisas exquisitas  
Sonho : vejo-a atravez das noites bellas  
A vagar nas alturas infinitas  
Corado de rosas e de estrellas...

Ouço-a que falla entre o fulgor dos astros  
Cheios da sua luz... Para escutal-a  
Applico o ouvido, e, attento, ando de rastros  
Por vêr si ouço melhor o que ella falla !

Tornam-lhe as flôres a candura; brazas  
O sol ardente, os astros a belleza ;  
A pomba leve fremito das azas,  
E o quente aroma toda a natureza !

Deixa um queixume em cada rosa ; em cada  
Calix derrama o matutino orvalho ;  
Abre um riso no céu pela alvorada  
E um ninho faz cantar em cada galho.

Por longo tempo assim paira e fluctúa  
No largo espaço que o seu riso enflóra ;  
Do seu seio de neve surge a lua,  
Dos seus labios de fogo surge a aurora...

Desce depois num raio de ouro ; adeja  
Em torno a mim, como no espaço um cumulo,  
E esvae-se, como a sombra, quando beija  
De leve, a fria lapide de um tumulo...

Caio vencido, prostro-me de joelhos ;  
E d'este sonho lubrico, somente  
Acordo, quando banham todo o Oriente  
Da aurora os fogos e os clarões vermelhos...

Porque vews despertar a minha crença  
E em sombras desfazer meu sonho louco  
Deves saber que a tua indiferença  
Matou-me a vida e os sonhos, pouco a pouco...

Some-te... O meu amor — aguia indolente —  
Paira na sua habitação etherea,  
Como a rhená que vive eternamente  
Nas savanas geladas da Siberia...

---

## TEU NOME

Teu nome é mais suave e mais doce que a taça  
De um vinho embriagador que as dôres me consome ;  
A douda viração, quando tremula passa,  
Minh'alma enche de luz com o echo do teu nome !

Enche todo de paz e harmonia o Universo  
E um dourado clarão verte na minha vida  
Si contemplo feliz, da alta torre do verso,  
Todo o immenso luar do nosso amor, querida !

E' o nome que no céu toda uma côrte adora  
E acclama, entre o fulgor de uma gloria infinita !  
Fonte clara de amor, raio da eterna aurora  
Que em cada coração resplandece e palpita !

Almas baixas e vis, vendo-me teu escravo,  
Fazem-me caminhar pela estrada da dôr,  
E crendo me atirar um espinheiro bravo,  
Atiram-me por cima uma roseira em flôr!

Nella quero picar a carne lancinada  
Para melhor sentir o olor dos teus carinhos...  
Não vale tanto a gloria aos fracos arrancada  
Nem vale tanto a flôr quando não guarda espinhos!

Podem partir, por fim, toda a nossa ventura,  
E envenenar a luz que em ti vivo bebendo...  
Para um dia as matar, almas da treva escura,  
Do meu verso farei um latejo tremendo !

Das mortas illusões sobre o immenso destroço,  
Ficarei a chorar o passado e o futuro ;  
E estes favos de mel com que os versos adóço,  
Serão peçonha e fel, serão veneno puro !...

---

## ULTIMO SONHO

Não te vêr junto a mim, porque estás longe?  
Mas a sombra do Deus, que nelle habita,  
Não vê, acaso, o solitario monge  
Em toda a luz da abobada infinita?

Pois que em ti toda a vida se resume,  
Como deixar de vêr-te e de adorar-te,  
Si em toda parte aspiro o teu perfume  
E o teu fulgor diviso em toda parte?

Por elles se desfez minh'alma, e em meio  
Do naufragio, a roçar por entre abrolhos,  
Fui buscar um abrigo no teu seio  
E um raio de esperança nos teus olhos.

Por elles, do encantado paraizo  
Do amor, baixei ao carcere das dôres,  
E hoje sômente sobre espinhos piso  
Quando pisei outr'ora sobre flôres.

E' minha esta illusão... Caio com ella  
— Luz que me aclara as portas de outro mundo...  
Deixa-a brilhar... é força que uma vela  
Arda sempre na mão de um moribundo!



## ILHA ENCANTANDA

Que mais espero ? Naufrago que espanta  
O fragor da tormenta, e a alma encarquilha,  
A esta plaga aportei ; tu, porem, santa,  
Vives cantando em torno desta ilha !

E's de meu sonho triste a maravilha,  
A cheirosa manhã, que se levanta,  
Que, como um raio crystalino, brilha !  
Que, como uma harpa enternecida, canta !

E erro, entre fragoas tetricas e extranhas,  
De onde vejo montanhas e montanhas  
Toldando a luz desse funereo dia...

Si, pois, da morte já me espera o goso,  
Dá-me em teu seio o ultimo repouso,  
Dá-me em teu labio a ultima agonía !

## **CASTIGO DOBRADO**

Si é por acaso um culpado  
Aquelle que te quer bem,  
Dá-me o castigo dobrado,  
Porque eu já tenho peccado  
Por dez, por vinte, por cem.

---

## NO MORE

Inda haverá, talvez, novos fulgores  
No céu, que eu não contemplo nem diviso,  
Porque não tenho mais os esplendores  
Da aurora boreal do teu sorriso.

Pode haver luz no azul, brilho nas flores,  
Vozes no vento, e um fulvo paraizo  
Na aurora, quando accende em varias côres  
Dos horizontes o dourado friso...

Já não desperta o sol, que vem com ella,  
Aquella doce melodia, aquella  
Musica de ouro das estrophes mansas :

Hoje é meu peito um tumulto fechado  
Onde apenas o vento do passado  
Canta a nenia feral das esperanças...

---

## SOL AUSENTE

Já não me affaga o teu clarão sonoro,  
E hoje só vivo do teu reverbero,  
Sol, cuja ausencia em lagrimas deploro,  
Luz, pela qual os mundos exaggéro!

Si canta em teu olhar almo e canoro  
A Illyada de amor de um novo Homero,  
Como adorar-te mais do que te adoro?  
Como querer-te mais do que te quero?

Vae-se apagando a tua luz tão clara,  
E em vez d'ella, no campo e na seara  
Descem as sombras de uma noite escura...

E eu sinto, e eu vejo, no final do dia,  
Que esta treva de lucto e de agonia  
Faz-me forçar as portas da loucura!

---

## FUGITIVA

Reinas aqui... Si estas canções dominas,  
— O' forma ideal de todas as bellezas! —  
E' que os versos são como as pedras finas :  
Toucam melhor o collo das princezas...

E's tu, que inda de longe me fascinas,  
E, entre a luz das estrellas mais accezas,  
Como estrella, do azul do céu te inclinas  
N'um diadema de fogo e de turquezas...

Nem accodes de longe aos meus desejos !  
A luz do ábysmo e a pallidez dos lyrios  
Mandas cantar somente em meus harpejos ?

E os teus beijos de amor, e os meus delirios ?  
— Não cantam versos o sabor dos beijos,  
Versos não dizem todos os martyrios !

---

## **S O**

Triste, caminho só ! Levo o meu manto  
De sombras e de lucto tão coberto  
Que já nem sei quanto martyrio, quanto  
Pezar me afflige em meu caminho incerto...

Solidão, nada mais ! No horror do espanto  
Destes phantasmas que me assistem perto,  
Nem uma nota ao menos do seu canto,  
Nem um raio de luz no meu deserto !

Perverso coração em seus refolhos  
Nem mais me escuta ; e não me diz, ao menos,  
Porque quer que eu me fira nos escolhos.

Daquelles olhos que soluçam threnos  
Cheios de almo luar... daquelles olhos  
De luz tão bella como a luz de Venus !

---

## RUINAS

Pisa as ruinas do altar profanado e sem lume,  
Minh'alma ! Faz-te mal beber inda os fulgores  
Desta pagina azul, tão cheia de perfume  
Como o moital de um bosque onde rescendem flores...

Quebra as aras da fé, despedaça as redomas,  
Santa, que um novo céu no lhar guardas occulto :  
Não é mais o meu verso a caçoila de aromas  
Com que outr'ora exaltei as glorias do teu culto !

Teu corpo ideal, de deusa, em seu dominio encerra  
Tantas constellações, que nem cabe em meu verso ;  
Desertaste do céu para pisar a terra,  
E ao amor e á poesia abriste outro Universo.

Novos sóes a ignea e flava ascúma flammejante  
Dardejam no esplendor dos teus olhos profundos...  
Mas eu, crente, hoje atheu, fugo ao clarão vibrante  
Desse incendio voraz que hade abraçar dous mundos !

Não posso, acaso ir só cumprir o meu fadario,  
Das mortas illusões de pé sobre os escombros ?  
— Pois será como o teu, Senhor, este Calvario,  
E tão pesada a cruz que heide levar aos hombros?

Só pode a ave que soffre o exilio do seu ninho,  
— Desterro atroz e igual ao que tenho soffrido —  
Dizer esta tortura, espinho por espinho,  
E esta magoa contar, gemido por gemido !

Deixa-me agora só ! Alma na treva alçada  
Como um pobre reptil á borda de um penhasco,  
Não me firas — por Deus ! — da mesma luz dourada  
Que a Saulo converteu na estrada de Damasco !

Foge de mim !... Do altar profanado e sem lume,  
Quebra a pedra, minh'alma, e occulta-te aos fulgores  
D'esta pagina azul, tão cheia de perfume  
Como o moital de um bosque onde rescendem flores...

---



## CONTRASTE

Isa, não creias na felicidade :  
Eu procurei-a, como um cégo, e tanto  
Que não sei porque choro esta saudade  
Nem a razão porque estas magoas canto.

Dá-me apenas um pouco de piedade :  
— Soturno Hamleto de pesado manto,  
Enchi de goivos toda a mocidade,  
Todas as rosas orvalhei de pranto...

Entre os delirios vãos da phantasia,  
Nunca sonhei com céu tão vasto e largo  
Como o do beijo que me deste um dia ;

Sinto, no entanto, o esqualido lethargo  
Que faz achar, em meio da alegria,  
Amarga a vida, o soffrimento amargo...

---

## UM DIA

Como o nauta que, entre abrolhos,  
Prevê nos céos a bonança,  
Eu vi a luz da esperança  
Brilhar na luz dos teus olhos ;  
Pois esse calmo fulgor  
Que apparentava a descrença,  
Não era de indiferença,  
Era de paz e de amor.

Não sabes hoje o castigo  
Que me trouxe aquella gloria,  
E ouvindo essa triste historia,  
Talvez que chores commigo ;  
Hasde tambem padecer,  
Pois creio que inda algum dia,  
Hei de contar-te a agonia  
Que tu me fazes soffrer.

Talvez se mude essa calma,  
E os teus floridos caminhos  
Se encham dos mesmos espinhos  
Que trago aqui dentro d'alma :  
Só então, querida flor,  
Tu saberás, em verdade,  
Quanto punge esta saudade,  
Quanto maltrata esta dôr !

## NINHO VAZIO

O ninho em que a aza esvoaça,  
Cala-se quando a neve o refrigera ;  
Mas, quando o hynverno passa,  
Canta de novo pela primavera...

Este nem hoje um pio,  
Nem um ruflo de amor o torna quente :  
Ficou triste e vazio,  
Vazio hade ficar eternamente...

---

## ZELOS

Sò tu conheces o secreto espinho  
Que dentro d'alma me pungindo està

(F. VARELLA.)

— « Versos a outra ! E' um poeta que não sente  
O que escreve... » Isto dizes; entretanto,  
Arde e queima o meu peito anciosamente  
Nestas estrophes humidas de pranto !

A aurora desce pelos altos montes,  
Dourada como os sonhos em que scismo :  
— Quanta luz a banhar os horizontes !  
— Quanta treva no fundo d'este abysmo !

Tantas e varias phantasias géro  
Dentro do verso estridulo e canoro,  
Que já nem sei dizer quanto te quero,  
Nem mais posso dizer como te adoro !

Essa que apontas como desejada  
Não é do ideal de um poeta o Novo-Mundo,  
A imagem da belleza constellada,  
A sombra, ao menos, deste amor profundo...

Não tece, como tu, de treva densa  
Dos meus sonhos a limpida miragem,  
Nem o meu verso o seu altar incensa  
Como incensa e perfuma a tua imagem !

Amal-a? Não : amam-se céos e flores,  
Azas de opala, fremitos de ninhos  
E essa musica propria de cantores  
Como o luar e como os passarinhos...

Amam-se as serras ao romper do dia,  
A balsa, o prado que de luz se tóuca,  
A aurora que os teus olhos allumia,  
E o verão que esbrazêa a tua bocca...

Amam-se os anjos, como tu, que um throno  
Ergueste em meio d'esta noite escura,  
E, estridula cigarra d'este outomno,  
Sabes cantar as arias da ternura.

Só não sei si essa fé que me juraste  
Tens ainda por certa, como eu tinha,  
Ou si já formam nitido contraste,  
Neste momento, a tua crença e a minha...

Não sei ; mas quando aos ideaes dispersos  
Faltar um porto onde lhes dês abrigo,  
Relembra ao menos os meus pobres versos,  
— A Biblia Santa em que rezei contigo !

---

## PERDÃO

Feriste-me, e essa magoa inda me opprime  
Como a algema que prende o condemnado...  
— Criminoso, não sei qual o meu crime ;  
— Peccador, não conheço o meu peccado !

Mas si dizes que fui louco e perverso,  
Si me accusas de um mal que eu desconheço,  
Perdoa-me, que a endeixa do meu verso  
Diz o que sinto e diz o que padeço !

Julgas agora que o perdão te mande,  
Como o que ora te peço neste vôo ?  
A tua culpa?... a tua?... essa é tão grande  
Que eu nem posso dizer si te perdôo !

---

## DESPONDENCY

Nem a mais viva loucura  
Nem o mais louco desejo  
Podem pagar a amargura  
Do dia em que não te vejo !

Ando longe desse amado  
Olhar, que as dôres me leva,  
Como um cêgo abandonado  
Que vae tacteando na treva...

Mas si a minh'alma está morta,  
Que importa que andes distante ?  
Si me não buscas, que importa ?  
Adoro-te eu, e é bastante.

Quem ha que uma estrella olhando  
E enternecido por vel-a,  
Queira que logo, cantando,  
Lhe falle e responda a estrella?

Beijar a dahlia escarlata  
Porque um jardim poz em festa ?  
Não ha maior disparate,  
Maior loucura do que esta !

Tem só a flor o perfume,  
A graça a harmonia, a côr,  
E é nisso que se resume  
Todo a mysterio da flor ;

Mas nem a maior loucura,  
Nem o mais louco desejo  
Podem pagar a amargura  
Do dia em que não te vejo !



## MINIATURA

Estrella, nuvem ave,  
Perfume, aragem, flôr...

(Jo Ao DE DEUS.)

E' branca e pura, casta e divina,  
Leve e franzina  
Como um jasmim ;  
Cheia de graça, de alma doçura  
Tem a candura  
De um seraphim.

Vendo o seu rosto brilhar tão doce  
E o céo abrir-se no seu olhar,  
Sinto-a tão linda como si fosse  
A propria Santa Virgem Maria  
Sorrindo sempre, de noite e dia,  
Por entre as rosas do seu altar...

Na minha mente, quando ella assoma,  
Quando o meu beijo nem mesmo a enlaça,  
(Santa que vive n'uma redoma,)  
Em nuvens de ouro vejo-a que passa,  
Cheia de graça,  
Cheia de aroma...

Sabe que aquella que um beijo iér-me  
Bebe a peçonha propria do verme  
De atro paul ;  
No entanto, est'alma, para onde falla,  
Veste de gala,  
Forra de azul !

Formas que brilham assim radiosas,  
(Mais do que os lyrios, mais do que as rosas)  
Um poeta justo nos seus louvores  
Não as compara, sem offendel-as,  
Nem mesmo ás flores,  
Nem ás estrellas.

Vendo o seu rosto brilhar tão doce  
E o céo abrir-se no seu olhar,  
Sinto-a tão linda como si fosse  
A propria Santa Virgem Maria  
Sorrindo sempre, de noite e dia,  
Por entre as rosas do seu altar...

Si ella é sênhora de tal encanto,  
Si apaga o lucto, si enxuga o pranto,  
— Balsamo puro da minha dôr, —  
Si é mensageira da primavera,  
Quem lhe não dera  
Todo este amor ?

Por isso agora, quando ella assoma,  
Quando o meu beijo nem mesmo a enlaça,  
(Santa que vive n'uma redoma)  
Em nuvens de ouro vejo-a que passa,  
Cheia de aroma,  
Cheia de graça !

## NO PARQUE

Céo todo de luz batido...  
Tu, que do sol és irmã,  
Tinhas o olhar embebido  
No resplendor da manhã.

E eu fui passando a teu lado :  
Tudo era azul, tudo calma  
No grande parque dourado...  
Só era noite em minh'alma !

E assim, preso a um mal medonho,  
Via-te, o olhar esplendente,  
Indifferente ao meu sonho  
E ao meu mal indifferente...

Na entanto, segui de rastros  
Por entre a luz que scintilla,  
Só para ver quantos astros  
Se occultam nessa pupilla !

E em doido e iriado bando,  
As illusões irrequietas  
De minh'alma foram voando  
Como ideaes borboletas ;

E todas, num vago anseio,  
Foram por fim, uma a uma,  
Poisar na flor do teu seio  
Feito de jaspe e de espuma.

Em meio de muita gala,  
Quando o sol dardeja forte,  
As azas de ouro e de opala  
Na própria luz têm a morte ;

Nisto o caso se resume :  
As borboletas douradas  
Com tanta luz e perfume  
Morreram todas, coitadas !

---

## HONTEM E HOJE

Hontem dizia eu : — « Agora,  
Calmo e feliz pulsa o meu peito :  
Faz muito frio lá por fóra,  
Mas está quente o nosso leito... »

Hoje desponta a madrugada  
E eu, triste e só, tremo de frio ;  
Procuro em vão a minha amada...  
O seu logar está vazio !

---

## AGONIA

Sombra... sombra e mudez... Só fulgura, em contraste,  
Todo o abysmo sem termo em que afundei meus pas-  
— Nebulosa do amor, tu para mim creaste [sos...  
Este céu, esta luz, este ar, estes espaços...

Inda em minh'alma vibra uma harmonia infinda ;  
Louco me torna ainda essa febre estuante ;  
E os teus braços de neve, os teus braços ainda  
São a cruz em que vergo o corpo agonisante !

Não me culpes a mim, que o ermo de um paraizo  
Entrevia, ao calor da febre e do desejo :  
— Muita angustia custou-me as vezes um sorriso,  
— Muitas lagrimas dei-te em troco de um só beijo !

Como no espaço adeja uma garça perdida,  
Vieste a mim, tatalando azas pandas, serenas ;  
Mas perdeu-te, afinal, essa paixão mentida  
— Asphaltite do amor em que molhaste as pennas...

Que importa que se afunde ou pereça o Universo,  
Que o sol deixe os vergeis e os pampanos em chammas,  
Si de novo, a cantar, abre as azas o verso  
Para bebêr a luz que sobre mim derramas ?

Cheira a balsa; o arvoredado emmaranhado em ninhos  
Solta, de quando em quando, harmonias queixosas...  
— Flauta amorosa e doce, a voz dos passarinhos  
Empresta uma alma ao campo e sonorisa as rosas.

Só ha sombras no monte, onde não vae minh'alma  
Incerta percorrer as paragens tranquillias...  
Só luz para este abysmo, ermo de toda calma,  
Onde dardejам fogo os sóes d'essas pupillas...

E' a angustia suprema, é a tortura sem nome  
Do vampiro que foge ao sol e á claridade ;  
Soffra — que importa? — eu quero a pena que consome,  
A volupia da dôr que só traz a saudade.

Mas debalde se accende o meu antro... debalde  
Erro como Cam, espavorido e louco,  
Fugindo á luz e ao mundo... (Esta alegria jalde  
Brilha tanto no céu, e em minh'alma tão pouco !)

Não mais povoado tenho o espirito de sonhos,  
Como uma estufa de ouro onde rescendem flores ;  
E hoje apenas me arrasto entre parceiros medonhos  
Pisando um tremedal de espinhos e de dôres.

Cala as penas, minh'alma, e supporta o cilicio  
Que as fibras te corróe, cruciante e sem tregoa ;  
— Não tem fim nem começo a estrada do supplicio,  
A vereda da dôr não se mede por leguas.

.....  
.....

Poeta : abate essa fronte onde fagulham mundos,  
Onde vivem cantando os arrebóes suaves :

— Urna que guarda em si os mysterios profundos,  
— Harpa que canta o amor, como o trillo das aves.

- Dorme : procura a treva asquerosa e maldita  
Onde não entra a luz nem resplandece a aurora,  
Mas como um seio quente e amoroso palpita  
A' alma que geme e canta e que gorgeia e chora !

Vae ! Segue eternamente a caminhar de rastros,  
Já que não podes hoje amal-a e comprehendel-a !  
E' debalde que o teu olhar perscruta os astros :  
Verme, volta ao covil ! Deixa no céu a estrella !



## SILENCIO

Silencio impões ao meu cruel martyrio !  
E inda juravas me guardar constancia,  
Quando do labio davas-me a fragrancia  
De um branco e casto e perfumado lyrio !

Que culpa commetti ? Ao meu delirio  
Outra me aponte agora, e em rosto lance-a !  
Não tu, espelho vivo da inconstancia,  
Luz, que cuida ser sol, e vem de um cirio...

Silencio... é a voz dos tumulos fechados,  
O vento surdo da esterilidade,  
Nos campos pelo hynverno desolados...

E' o premio que me trazes á anciedade,  
O negro galardão dos meus cuidados,  
A triste recompensa da saudade !

---

(J. D. PEZA)

A tarde desce, em meio  
De um pallido languor ;  
O espaço brilha cheio  
De aroma e de esplendor.  
Minh'alma é um doce leiteo  
De espinhos ermo e nú,  
Pois guardo inda no peito  
Uma esperança.... tu.

---

## FLOR DE TORMENTA

Na alta grimpa da matta rumorosa  
Que mais crúa e mais forte a claridade  
Cóa dos sóes, ha uma flor caprichosa  
Que o vento fere e açoita sem piedade.

Balouça no ar a corolla aromosa  
Que o tronco forte eleva á immensidade,  
E ao fragor da rajada tormentosa  
Abre a crôa real á tempestade.

Quanto mais a agoa a bate, e o ar farfalha,  
Do limbo azul o verdejante tóro  
Mais brilho e aroma aos vendavaes espalha.

Assim tambem o teu clarão sonoro ;  
— Flor da tormenta, o rocio que te orvalha  
E' o diluvio das lagrimas que chóro.

---

## A UMA CRIANÇA

Passas ás vezes, cantando  
Como uma rosea chimera,  
E eu sinto tambem passando  
Nesse momento febril  
Um sopro de primavera  
Cheio do aroma de Abril.

Sentindo a tua alma pura  
Cheia d'aquella meiguice  
Só propria da creatura  
Que é santa como tu és,  
Sonhei que o mundo me visse  
Louco e prostrado a teus pés...

Mas ah ! Que abysmo medonho  
Hoje entre nós se levanta !  
Ao despertar deste sonho,  
Louco e prostrado a teus pés,  
Nem posso a teus pés de santa  
Cantar meus hymnos de amor !

Esquece, pois, os meus hymnos ;  
E já que a sorte impiedosa  
Unir os nossos destinos  
Num só destino não quiz,  
Deus te faça tão ditosa  
Quanto me fez infeliz!

## ALMA EXTINGTA

... si est dolor sicut dolor meus.

(JEREMIAS.)

Estala, coração ! Ella tambem, querida  
Entre todas, partiu, deixou-te a solidão...  
Já não te resta mais nem um sopro de vida,  
Nem um hausto de luz... estala, coração!

Não peccaste, si quer, e a injustiça te opprime !  
Nem uma jura só, de tantas, se partiu,  
E é forçoso expiar essa culpa de um crime  
Que não quer o perdão, porque nunca existiu !

A ingratição, por fim, veiu bater-te á porta,  
Mas um triste despojo encontrou nos humbraes :  
A alma gelada e extincta, a alma vazia e morta  
Que palpitou de amor e que não canta mais !

D'ella desfeito, enfim, ás lancinantes garras,  
Já nem podes viver, já nem podes amar :  
Extingue-te : no amor, foste como as cigarras  
Que em meio do verão estalam de cantar !

## LONGEI

Depois de passados dias  
De ventura, esta alma escrava  
Punha benções e agonias  
No beijo que te deixava !

Depois, rolei como um morto  
Pelo alto mar... nem o céu  
Dava-me mais o conforto  
Que o teu sorriso me deu.

Mas não supponhas que, acaso,  
De ti me aparto um momento :  
O sol mergulha no Occaso,  
Mas redoira o firmamento...

Da melhor das creaturas  
Nem me podem afastar  
Estas tremendas e escuras  
Tresentas leguas de mar !

Aspiro ainda a fragrancia  
Com que o teu labio me anima :  
Quanto maior é a distancia  
Tanto mais nos aproxima !

A luz com que o mundo espantas  
Prefiro ao sol (crê, si queres...)  
E's a mais santa entre as santas  
E a mais pura entre as mulheres :

O sol mergulha no lôdo,  
A estrella beija o paul...  
— Não troco pelo céu todo  
Este pedaço de azul !

---

## REINADO IDEAL

Loura sereia de olhos tentadores  
Que és a razão da desventura minha :  
De uma patria de sonhos e de flores  
Eu fora o rei... si fosses a rainha.

E's senhora de um magico thezouro  
De perfeição, de graça e de belleza ;  
Em tua bocca esbrazeada, o côro  
Dos beijos canta a symphonia acceza.

D'esses teus olhos o amoroso encanto  
De galas veste o meu tristonho exilio,  
E apenas num sorriso dizes tanto  
Como um verso de Horacio ou de Virgilio.

De que extranha e dourada nebulosa  
Baixaste á terra, tu, que vens perdê-la,  
E irradias — estrella jubilosa —  
O clarão jubiloso de uma estrella ?

De um paraizo, parã mim perdido,  
Guardas a chave, — magica Sultana,  
Emquanto a contemplar-te ando esquecido  
Como Jesus junto á Samaritana...



O escravo, achando á dôr um lenitivo,  
Beija os grilhões que o trazem prisioneiro ;  
Eu, como o triste e misero captivo,  
Choro... e bemdigo o proprio captiveiro !

No entanto, — ó dona de olhos tentadores,  
Que és a razão da desventura minha :  
De uma patria de sonhos e de flores  
Eu fora o rei... si fosses a rainha !

Sentindo a ferida larga  
Que a alma preme e a voz embarga,  
Inda ha pouco eu repetia  
Aquella palavra amarga  
Que tu me disseste um dia.

Disseste bem ; desgraçado,  
Triste, louco e apaixonado  
Fadou-me o destino, quando  
Me fez ver em céu dourado  
Das phantasias o bando ;

Quando, sem tregoa que a acoite,  
Vibrando o tremulo açoite,  
Na minh'alma, inda louçã,  
Verteu a treva da noite  
Em vez da luz da manhã !

Quando, em pasto ao meu desejo,  
— Unico bem que inda almejo —  
Me quiz dar um paraizo  
Todo quente do teu beijo,  
Todo fresco do teu riso,

E apenas o alado côro  
Das chimeras de azas de ouro  
Fez em minh'alma cantar,  
Pondo-me em frente um thezouro  
Que eu nem podia tocar !

---

## BEIJO SEM VIDA

Quando ella por mim passava,  
Parecia-me tão bella  
Que o céo todo palpitava  
Junto d'ella...

E eu sonhei, por isso, outr'ora,  
Tão ditoso, quando a via,  
Que cantava toda hora,  
Todo dia.

Hoje, enfim, não mais cantando,  
Mas carpindo a minha sorte,  
Vivo triste, suspirando  
Pela morte.

Exilado da alegria,  
Si cantei, feliz, outr'ora,  
Hoje choro todo dia,  
Toda hora ;

E minh'alma, que agonisa,  
Só tem balsamos fugaces  
Neste pranto que inda pisa  
Minhas faces ;

Pois o pranto, que consola,  
Cae tão fresco sobre a dôr,  
Comò o orvalho na corolla  
De uma flor

Nem ao menos, pomba mansa,  
Nem ao menos, por contraste,  
Com tal dôr uma esperança  
Me deixaste...

Tanto em vão busquei conforto  
Para a magoa que não finda,  
Que eu nem sei como, já morto,  
Vivo ainda !

Vens agora, mas o tedio  
N'alma, aberta em dôres, arde...  
Chegou tarde esse remedio,  
Muito tarde ;

Porque é triste e fria a chamma  
Desse beijo que me dêste,  
Como a luz que doura a rama  
De um cypreste.

Vae-te, pois ; vae-te, querida ;  
Não aggraves mais a sorte  
De quem quer trocar a vida  
Pela morte.

---

TERCEIRA PARTE

---

**FOLHAS SOLTAS**

Ao Dr Alberto de S. M. Torres.



## DOLORA

(M. ACUNA)

Como é triste andar sonhando  
Com um mundo que não existe !

    Como é triste  
Ir vivendo e caminhando  
Sem ver, em nossos delirios,  
Da razão com os puros olhos,  
Que si ha na vida alguns lyrios  
São muito mais os abrelhos !

O homem nasce, e num momento  
Corre a seguir a esperança :

    Não a alcança,  
Porque não se alcança o vento;  
Mas corre e cança e delira,  
Sem ver afinal que a gloria  
Não é mais que uma mentira  
Tão bella quanto illusoria.

Sempre a correr como um louco,  
Não vê que os falsos amores

    Como as flores,  
Duram pouco, muito pouco !  
Não vê, quando se enthusiasma,  
Pela fortuna que adora,  
Que ella parece um phantasma :  
Quando a tocam, se evapora !



E que a vida é um sonho ameno,  
 Mas do qual, si despertamos,  
     Sempre achamos  
 O bem, por maior, pequeno ;  
 Pois é o mal tão forte e tanto  
 Na senda escura da vida  
 Que uma torrente de pranto  
 Brota de cada ferida.

Durar os gosos só querem  
 Como as puras açucenas,  
     Mas as penas  
 Vivem sempre e sempre ferem ;  
 E quando nos foga a calma  
 Com as esperanças mais bellas,  
 O logar que tinham n'alma  
 Fica occupado por ellas.

A ferida que os amores  
 Deixam n'alma quasi morta  
     E' a porta  
 Que abre a passagem das dôres ;  
 Succedendo na jornada  
 Desta vida mal vivida,  
 Que é para o pezar « entrada »  
 O que é para o bem « sahida ».

E soffrem todos e choram  
 E os males e a dôr toleram  
     Porque esperam  
 Achar a illusão que adoram.  
 E o homem pallido e triste  
 Não vê, quando anda a sonhar,  
 Que apenas a dôr existe  
 E nada a pode apagar.

E não vê que é um fatuo fogo  
A paixão com que se abraça,  
Luz que passa  
Como um relampago, logo ;  
E que os sonhos e os receios  
Da sua mente abrazada  
Não são mais que devaneios,  
Sombras apenas, mais nada !

Que o proprio amor é ligeiro  
Como a amizade que mente  
Pois somente  
Rebrilha á luz do dinheiro ;  
E não vê quando se lança  
Dos sonhos no pégo fundo,  
Que são a fé e a esperança  
Mentiras só deste mundo !

---

## MARGARIDA

Indo ao prado colher flores,  
O prado (que não sabia  
Para quem eu as colhia)  
Disse, entre prantos e dôres :

« Teus ahí a dahlia, a rosa,  
A camelia, o cravo olente ;  
A margarida sómente  
Fugiu da veiga cheirosa... »

O prado andava gemendo  
A ausencia do seu amor ;  
Por elle fiquei sabendo  
Que, em vez de mulher, és flor.

Colhi da balsa florida  
As corollas mais louças :  
Tragoas aqui... Margarida,  
Recebe as tuas irmãs !

---

## FLOR VIUYA

Guarda ainda o gesto terno  
E a marmorea pallidez  
Que lhe trouxe o longo hynverno  
Da viuvez.

Já chorou pelo passado,  
Mas traz hoje o rosto enxuto  
E, em vez de lucto pezado,  
Meio lucto :

— Fio azul de seda frouxa,  
Pintas brancas pelo véo,  
Laço escuro e pluma roxa  
No chapéo.

Só negro lucto poreja,  
Como de fundos abrolhos,  
Desse abysmo que negreja  
Nos seus olhos.

Negros como a minha sorte,  
Negros como a minha dôr,  
Negros, negros como a morte,  
Como o amor...

Por entre sombras escuras,  
Vejo-os, negros e tristonhos,  
Como as negras sepulturas  
Dos meus sonhos.

## AO GENERAL OSORIO

(JUNTO AO SEU MONUMENTO)

Eil-o, por fim, na praça alevantado,  
O audaz guerreiro ! O echo de seu nome  
A's plagas do porvir será levado  
Pelo bronze que o tempo não consome.  
No largo punho o gladio victorioso  
Que amplas florestas derrubou de alfanges,  
Serenos agora, altivo e desdenhoso,  
Mal lembra o heróe que, á frente das phalanges,  
No fragor da batalha, a onda purpurea  
Do sangue á frente, a gloria a embriagal-o,  
Tragava os ventos, sem buscar a furia  
Conter do seu indomito cavallo...  
Ginete igual ao de Atila na guerra,  
Tremendo escudo do seu braço forte,  
Por toda parte em que pisava a terra  
Levava o espanto, a confusão e a morte !  
Sol da peleja ! Intrepido e valente  
Batalhador ! Leonidas que ao braço  
Ergue a clava terrível e potente  
E a um exercito inteiro embarga o passo !

Foste ainda maior do que o Espartano  
Quando o raio accendeste no horizonte  
E vingaste de um despota e tyranno  
A injuria, do Brasil cuspida á frente !  
Heróe de Tuyuty : tua memoria  
Guarda o mundo p'ra sempre, ame-a, idolatre-a...  
O bronze eterno que te leva á gloria  
Enche de orgulho o coração da Patria !

---

Onde estarás agora,  
Branca e perdida flor  
Por quem minh'alma chora  
Preza de estranha dôr?  
Onde estarás agora,  
Sol da minha existencia, alma do meu amor ?

Geme ainda a saudade  
Com que o pezar me assiste  
Na minha soledade  
Eternamente triste !  
Geme ainda a saudade  
Que em minh'alma cantou no instante em que partiste.

A que outro claro mundo  
O fado te conduz  
Longe do moribundo  
Que arrasta a sua cruz ?  
Que outro céu, que outro mundo  
Audas dourando agora, astro de estranha luz ?



Porque é que me deixaste  
Em meio do caminho  
E ingrata abandonaste  
O amor do nosso ninho ?  
Porque é que me deixaste  
Em meio do tormenta, esquecido o sósinho ?

E onde andarás agora,  
Branca e querida flor,  
Longe de quem te adora,  
Longe da minha dôr ?  
Onde estarás agora,  
Sol da minha existencia, alma do meu amor ?

---

## MONOLOGO

Recitado no festival que em honra do poeta Fagundes Varella  
realisaram os homens de letras de Petropolis).

Si de alguma attenção eu lhes peço o concurso,  
E' modesto o meu fim, minha intenção singela :  
Não cuidem, pois, que eu vá fazer outro discurso  
Nem nova conferencia acerca de Varella...

Isso é bom para quem sabe dizer por junto  
Tudo o que o estylo tem de opulento e de excelso,  
E, como bem sabeis, já trataram do assumpto  
Quatro : Leoncio, Martins, Xavier e Affonso Celso.

Incumbido, porém, de agradecer ao povo  
O concurso gentil que á nossa ideia presta,  
Eu tinha de encontrar por força um modo novo  
De dizer o que é velho : assim o exige a festa...

Outro, em phrase elevada, ardente e acceza em cham-  
Empregara talvez estylo bem diverso ; [mas  
Mas tendo de fallar principalmente ás damas,  
Achei que em vez da prosa era melhor o verso.

Sois vós que comprehendeis, Senhoras, em verdade,  
Da lyra sospirosa as notas exquisitas  
E interpretaes melhor a doce suavidade  
De um poeta que cantou tantas cousas bonitas :

Verbi gratia : a mulher... a mulher, sobretudo !  
Sim : a Cesar o que é de Cesar : a poesia  
Deve cantar primeiro a alva mão de velludo  
Que esconde dentro o espinho, e por fóra... amacia.

E Varella cantou glorias, que eu canto agora  
Mas que ninguem como elle inda soube dizel-as :  
Na bocca da mulher poz o escritorio da aurora,  
Na luz do seu olhar o fogo das estrellas !

Verdade é que deixaes morrer as pobres almas  
Que a esperança alimenta e o desengano trunca ;  
Mas si depois de morto o poeta, daes-lhe palmas,  
E' o caso de dizer : Antes tarde que nunca !

Isso de assim deixar, como folhas ao vento,  
As queixas que na lyra o trovador resume  
Sem mais compensações que as glorias do talento,  
Aqui p'ra nós : eu acho um pessimo costume...

No entanto, é o que se vê : antigamente, então,  
Quando um poeta cantar queria a sua amada,  
Eram rosas na bocca, eram lyrios na mão,  
E na pallida fronte a estrella da alvorada.

Não me refiro, é claro, ao tolo namorico  
Da donzella enfezada, a pallida menina,  
Que dizia á Mamãe : « Eu gosto de *seu* Chico  
Porque elle na chamou d' *rosa purpurina*...

Não ; Fallo da mulher por quem o verso accende  
A lava da paixão negra e tempestuosa ;  
Aquella que comprehende as ancias, que comprehende  
Os sonhos, e abandona os sonhos, caprichosa.

Marilia, por exemplo : o pobre poeta ardente,  
O amoroso Dirceu finou-se de saudade...  
Pois a bicha morreu escandalosamente  
Depois de completar oitenta annos de idade !

E' demais ! Na mulher anda tudo trocado :  
Nada ha que para o seu orgulho o bem resuma  
Como deixar morrer um poeta apaixonado...  
E' por isso que eu cá não morro por nenhuma !

Mas hoje resgataes essa divida immensa  
Da velha ingratidão por tantas repartida ;  
E' justo que receba um dia a recompensa  
Quem só provou da dôr — fructo amargo da vida.

Vós que os poetas matais só com os olhos serenos,  
E que do ideal tornais tão luctulenta a historia,  
Amae o grande poeta : amae-o, p'ra que, ao menos,  
Quem morreu pelo amor seja amado na gloria !

---

## **PORQUE?**

Porque será que receia  
O pescador navegar  
Quando brilha a lua cheia  
Sobre as ondinas do mar?

Ao pleno luar dos teus olhos,  
Logo que o pobre embarcou,  
N'um mar calmo e ermo de escolhos  
O meu batel naufragou...

**E...**

Ao reler esta pagina, que finda  
Do nosso amor a historia sem piedade,  
Do passado infeliz lembro-me ainda  
E de tudo me punge a atroz saudade...

Queimou-me os olhos este pranto ardente,  
Nelles a propria luz morreu queixosa...  
E nos cilios, que cerro, impertinente  
Baila ainda uma lagrima impiedosa...

Nada ha que valha a dôr deste momento ;  
Nada eguala a essa dôr ; a sua historia  
Por ser a historia de um cruel tormento  
Inda a conservo toda na memoria!

Parece-me que venho, soluçante,  
De um funeral... Os sonhos, o passado,  
Tudo enterrei neste tremendo instante  
Junto ao meu coração-despedaçado !

Geme a lyra com quem corri primeiro  
Da ventura e do amor todos os portos :...  
E canta ! Mas seu canto derradeiro  
Dobra ás exequias dos meus senhos mortos !

## ASCENÇÃO

*(Ao illustre poeta  
Ricardo Mujía.)*

Foi em torno da immensa e lauta mesa,  
A' hora do café,  
Que eu da fresca visinha baroneza  
Toquei no pé...

Ella, mal encobrimdo a onda purpurea  
Do rostinho vermelho,  
Num fremito convulso de luxuria  
Roçou-me o joelho...

De braço dado, vendo arfar-lhe o seio,  
Fui leval-a ao salão ;  
Ahi, a um canto, em fino galanteio,  
Beijei-lhe a mão...

A' sahida, no espasmo delirante  
Da febre ardente e louca,  
Pareceu-me de mel, naquelle instante,  
A sua bocca...

São decorridos, já quasi dous mezes,  
E, sem um so revéz,  
Tenho-a beijado já diversas vezes  
Da bocca aos pés...

## ENGANO

(A *Rebeldino Baptista*.)

Absorto em outros misteres,  
Nunca busquei a ventura,  
Nem commetti a loucura  
De acreditar nas mulheres.

A uma, sim, jurei que a amava ;  
Mas não menti, quando o disse,  
Pois ao dizer tal tolice,  
A mim tambem me enganava !

---



## A PETROPOLIS

Terra de paz e harmonia  
Que de luz a alma me banhas :  
No azul das tuas montanhas  
Vive cantando a poesia !

Valle de amenas doçuras,  
De rosas e mal-me-queres,  
Onde as estrellas mais puras  
Brilham no olhar das mulheres !

Aqui o sonho e a chimera  
Vivem de luz e esplendores,  
E brota um mundo de flores  
Ao sopro da primavera!

Tudo fascina e embebeda,  
Tudo é rutilo e dourado :  
Bebo a luz com que me banhas :  
Só ha perfumes no prado !

Toda noite e todo dia  
Bebo a luz com que em banhas :  
Fica entre as tuas montanhas  
O El-Dourado da poesia !

## ULTIMA PAGINA

Voltas de novo, e os escolhos  
Vens trilhar de ondas mendaces :  
O pranto innunda-te os olhos  
E o pallor te cobre as faces...  
Que tu soffreste, e bastante,  
Bem sei : o véo do desgosto  
Vejo pintado em teu rosto  
Como em meu proprio semblante...

Tornas, afflicta e saudosa  
D'aquelle mèsimo passado  
Que tu, louca e caprichosa,  
Deixaste atraz sepultado ;  
E eu, como allivio e conforto  
A' flor sedenta de orvalho,  
Só posso dar-te o agazalho  
De um peito já quasi morto !

Longo foi o meu delirio  
E o meu tormento cruel,

Pois temperei o martyrio  
De amargo pranto e de fel ;  
Louco e transido, soffri  
Todos os males da ausencia...  
Foi tremenda a penitencia,  
Negra a dôr, longe de ti !

Do meu triste eremiterio  
Sonhava ás vezes contigo,  
Em busca do refrigerio  
De tão tremendo castigo ;  
Mas sempre impiedosa, a sorte  
De tal modo me arrastava,  
Que em toda parte avistava  
A sombra escura da morte.

Calcando a larga ferida  
Que aberta n'alma deixei,  
Da taça amarga da vida  
Todas as fezes provei ;  
E a propria estação das flores,  
Ao tardo volver dos annos,  
Foi quadra de desenganos,  
De desalento e de dôres!

Voltando aos dias de calma,  
Teu amor rejuvenesce  
E canta dentro em minh'alma,  
Como o sol, quando amanhece...  
Sol do amor, que esta alma espera :  
A' luz do teu riso doce,  
Fugiu a treva, e mudou-se  
Todo o hynverno em primavera !

Canta, rouxinol amado !  
Quero ouvir dessa garganta  
O melodico trinado...  
Rouxinol amado, canta !  
Voltam a paz e a alegria ;  
Tem a dôr onde se acoite...  
Si em todo o Universo é noite,  
Em meu coração é dia !

---



# INDICE

---

PREFACIO . . . . .	v
--------------------	---

## PRIMEIRA PARTE

### FLORA DE MAIO

Symphonia . . . . .	3
Agonia de D. Juan . . . . .	4
No Bosque . . . . .	7
Belleza Moderna . . . . .	10
Chuva Eterna . . . . .	12
Dolor Supremus . . . . .	13
Shakespeare . . . . .	15
Historia Curta . . . . .	16
O Enterro . . . . .	17
O Arroio . . . . .	18
Una Sorpresa . . . . .	21
Croquis . . . . .	22
No Dia dos Mortos . . . . .	23
A Nayade . . . . .	24
Abdição . . . . .	25
Os Espectros . . . . .	27
Bocca Ideal . . . . .	28
A Horacio . . . . .	29
O Sabiá da Matta . . . . .	30
Ante um Cadaver . . . . .	32
Jesus no Horto . . . . .	36
Planta sem Nome . . . . .	37
Sonho de Colombo . . . . .	38

A Uma Artista.. . . . .	40
Versos de Um Louco. . . . .	41
Schopenhauer. . . . .	44
Bilhete.. . . . .	45
O Pylampo.. . . . .	46
Sombras Rivaes . . . . .	47
Os Cegos. . . . .	48
A Procissão.. . . . .	49
A Marta.. . . . .	50
O Batel Côr de Rosa. . . . .	51
A Poesia. . . . .	52
Milagre. . . . .	53
Cantares.. . . . .	54
Les Abeilles.. . . . .	55
As Mulheres.. . . . .	56
Canção. . . . .	57
Cantares.. . . . .	58
Myosotis.. . . . .	59
Rondós. . . . .	60
Um beijo. . . . .	62
Resurreição. . . . .	63
Toujours.. . . . .	64
Pelle de Tigre.. . . . .	65
Fragments de poema « Zaida » . . . . .	67

## SEGUNDA PARTE

## LIVRO DE ISA

Introibo. . . . .	79
Poema de Isa. . . . .	81
Moysés. . . . .	86
Primeiro Beijo.. . . . .	87
Desvario. . . . .	88
Canta!. . . . .	89
Noite de Hynverno. . . . .	90
Nova Luz. . . . .	91
Zagala.. . . . .	92
Manhã de Agosto. . . . .	93
Em Passeio. . . . .	95
Em Vão!. . . . .	97
Velha Canção. . . . .	99
Ilusão.. . . . .	100

Nebulosa. . . . .	101
Bianca Vestida. . . . .	102
Nuvem Dourada. . . . .	103
Verão em Festa. . . . .	105
Diana. . . . .	106
Impossivel. . . . .	107
Ao luar. . . . .	108
Vida e Morte.. . . .	110
Duas Azas. . . . .	111
Stella Confidente.. . . .	112
Pedido. . . . .	113
Paysagem. . . . .	114
Minha Musa.. . . .	115
Velho Thema. . . . .	117
Lenda Mystica.. . . .	118
Trovas. . . . .	120
De Volta. . . . .	122
A. Entrevista. . . . .	123
Esquecimento. . . . .	125
No Campo. . . . .	126
Heliautho. . . . .	128
Discordancia.. . . .	129
Toxico. . . . .	131
Sonho. . . . .	133
Teu Nome.. . . .	135
Ultimo Sonho.. . . .	137
Ilha Encantada.. . . .	138
Castigo Dobrado.. . . .	139
No More.. . . .	140
Sol Ausente. . . . .	141
Fugitiva. . . . .	142
Só. . . . .	143
Ruinas. . . . .	144
Contraste. . . . .	146
Um dia. . . . .	147
Ninho Vasio.. . . .	148
Zelos. . . . .	149
Perdão.. . . . .	151
Despondency.. . . .	152
Miniatura.. . . .	154
No Parque. . . . .	156
Hontem e Hoje. . . . .	158
Agonia. . . . .	159
Silencio. . . . .	162



.....	163
Flór do Tormento. ....	164
A Uma Creança. ....	165
Alma Extincta. ....	166
Longe!. ....	167
Reinado Ideal. ....	169
.....	171
Beijo sem vida. ....	173

### TERCEIRA PARTE

#### FOLHAS SOLTAS

Dolora.. ....	177
Margarida. ....	180
Flór Viuva.. ....	181
Ao General Osorio.. ....	183
Onde estarás agora? . . . . .	185
Monologo. ....	187
Porque? . . . . .	190
E. ....	191
Ascensão . . . . .	192
Eganno. ....	193
A Petropolis.. ....	194
Ultima Pagina. ....	195



---

Paris. — Tip. Garnier Irmãos, 6, rua des Saints-Pères 317.5.1902.

---





This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

SAL 9176.73.100

Flora de maio;

Widener Library

005273535



3 2044 080 677 289

